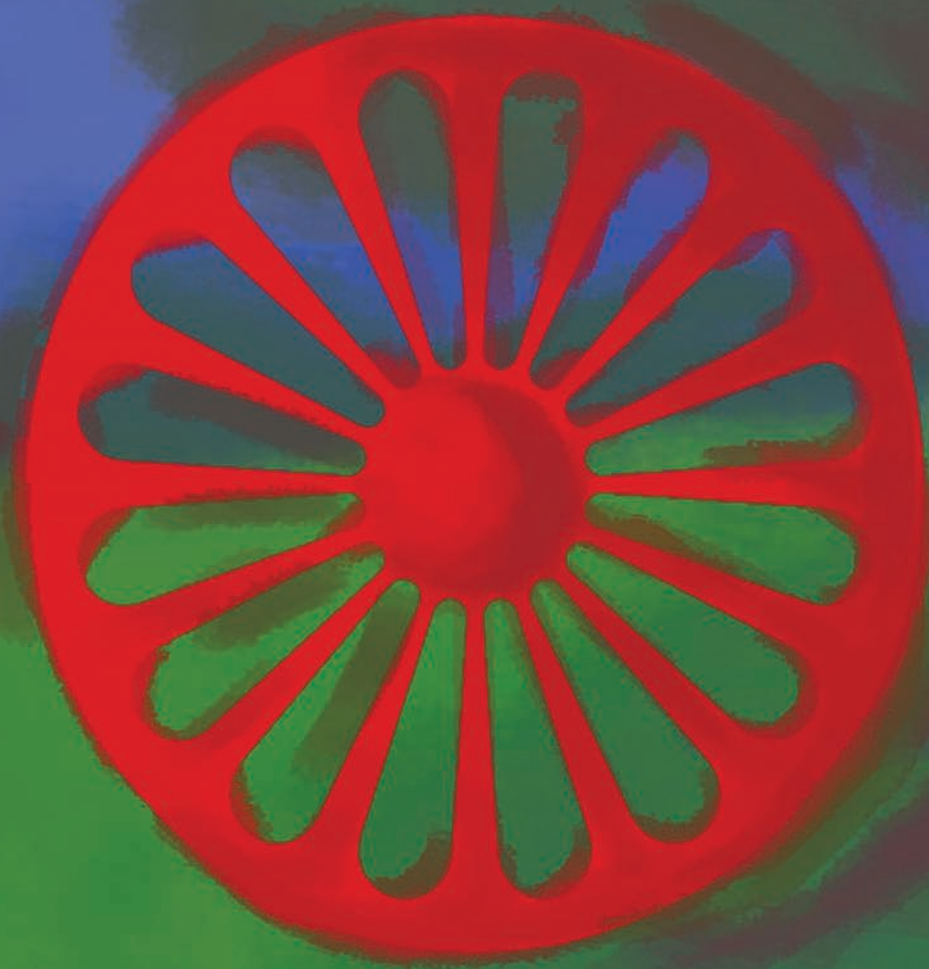


Além da Roda: *relatos Ciganos-Romani*



Malu Marinho
Ilustração: Gustavo Gama

Potifícia Universidade Católica de São Paulo
Departamento de Jornalismo

Trabalho de Conclusão de Curso
Além da Roda: Relatos Ciganos-Romani
Malu Marinho

Orientação
Dr. Fabio Cypriano

Diagramação
Karina Modesto

Capa
Gustavo Gama

Texto
Malu Marinho

Fotografias
Malu Marinho
Fotos/Acervo Pessoal



Sumário

<i>INTRODUÇÃO</i>	<i>PÁGINA 7</i>
<i>GLOSSÁRIO</i>	<i>PÁGINA 12</i>
<i>CAPÍTULO 1</i>	<i>PÁGINA 14</i>
<i>CAPÍTULO 2</i>	<i>PÁGINA 51</i>
<i>CAPÍTULO 3</i>	<i>PÁGINA 89</i>
<i>CAPÍTULO FINAL</i>	<i>PÁGINA 119</i>
<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	<i>PÁGINA 142</i>
<i>AGRADECIMENTOS</i>	<i>PÁGINA 145</i>

INTRODUÇÃO

ALÉM DA RODA

Ouvir a história de um senhor espanhol que esconde sua identidade me fez querer saber mais sobre os ciganos. Este senhor, hoje aos 91 anos, nunca me revelou, diretamente, que tinha origem romani. Contudo, apesar de não apresentar seu relato neste livro, seu neto, Ivo Dias, aparece como um dos personagens no terceiro capítulo.

Este livro reportagem nasceu como uma forma de entender a cultura cigana, e de um incômodo que me surgiu da ausência de relatos pessoais sobre o assunto, principalmente quando há pessoas como este senhor de 91 anos que têm medo de revelar suas próprias histórias e identidade. Existem muitas pesquisas antropológicas dentro de acampamentos, ou até mesmo que visam entender alguma etnia — dentro das tantas nomenclaturas ciganas — mas, não há tantos relatos na academia, o que consolida o silenciamento — ou auto-silenciamento — de um povo tão oprimido.

Passei então a procurar artistas, canções e páginas nas redes sociais a respeito da comunidade. Mas foi apenas às margens do Gibralfaro, na Espanha, com uma senhora calé pedindo esmola, que me veio forte a necessidade de contar essas histórias, através da escuta delas.

Relatos ciganos-romani

Durante quase um ano, sentei para ouvir um pouco sobre o que seria a comunidade cigana, sem visitar acampamentos, fugindo do comum. Ouvi homens e mulheres com suas mais diversas profissões, conhecimentos, religiões e valores. O glossário que acompanha esses escritos, servirá para guiar a leitura dentro da narrativa cigana, com palavras e expressões que farão parte de todos os relatos desde o primeiro capítulo.

Enquanto relatavam suas histórias e jornada, alguns choravam ao contar sobre a perseguição que a família sofreu, outros se indignavam em contar como era possível alguém morrer escondendo suas raízes. Mas o livro surgiu de um contato genuíno com cada um desses personagens, que seriam vistos como boêmios, “bandidos”, ou “trapaceiros”, termos pejorativos ainda usados para descrever a comunidade cigana dentro do senso comum.

O próprio termo “cigano” é ligado a uma palavra racista, que para muitos grupos é interpretada negativamente. No Brasil, esse preconceito se percebe em novelas com situações estereotipadas e enganosas, veiculando uma caracterização da comunidade como pessoas “exóticas” e “exotéricas”, ligando-os a algu-

ALÉM DA RODA

ma magia, algum poder sobrenatural ou estilo de vida nômade, de não pertencer a lugar algum. Nômades ou não, os romani são repletos de relatos, dentro da oralidade tão presente na cultura.

Talvez, este ‘lugar algum’ seja a sina de um povo, com uma cultura desconhecida e marginalizada, com sua etnia camuflada pelo tempo, preconceito e ignorância.

No primeiro capítulo aprofundo um pouco melhor sobre o que seria a comunidade cigana, explicando sobre a divisão de clãs, e o contexto histórico que os acompanhou desde a idade média. Já no segundo, me propôs a trazê-lo exclusivamente falando sobre as mulheres, por meio de relatos das mesmas — desmistificando os estigmas e estereótipos. Essa costura deu surgimento ao terceiro capítulo, pois, muitas das personagens tinha uma conexão não apenas cultural como religiosa, e como uma forma de explicar melhor, escrevo, através desses relatos, sobre a fé de cada um dos entrevistados. Por fim, o último capítulo tem um teor de curiosidade, enfatizando algumas figuras pertencentes a raça romani, que por desconhecimento passam desapercebidos como pessoas da etnia cigana.

O presente trabalho propõe ao lei-

Relatos ciganos-romani

tor um exercício de escuta literal, à ampliação das vozes abafadas, não ouvidas, em uma procura dessas personagens com histórias de uma cultura, de um povo, de uma raça.

E para aqueles a quem servi de ouvidos, empresto minhas mãos...

GLOSSÁRIO

Caló/Calé: Comunidade vinda da Espanha.

Calon/Calin: Comunidade vinda de Portugal ou da Galícia.

Cigano: Palavra designada para se referir a comunidade romani. A etimologia se refere a “boêmios”, e por isso, muitas etnias não gostam do uso da palavra.

Gágjo: Aquele que não faz parte da comunidade romani, também podendo ser entendido como payo: não-cigano.

Kalderash: Comunidade vinda do Leste Europeu, mais entre Ucrânia e Rússia.

Louvara: Comunidade vinda do Leste Europeu.

Opre Rromá: Tradução ao português seria “caminhei, caminhei”. Faz menção a reunião preparatória para o I Congresso Mundial Romani, realizada em Estrasburgo, França, em 1969. Palavra de luta, resistência.

Rom: Língua falada pelo povo romani e etnia vinda da Europa, principalmente do Norte.

Sinti: Comunidade vinda da França, Alemanha ou Itália.

Flamenco: Dança e canto tipicamente cigano da etnia caló/calé.

Gypsy Jazz: Música, dança tipicamente cigana da etnia Sinti.

Slava: Cerimônias religiosas

CAPÍTULO 1

Coração cigano: uma história mal contada



Reprodução/Banco de Imagens/Bandeira Cigana

Málaga, Espanha, 27 de dezembro de 2022

As pequenas ruas do centro da Málaga foram palco de touradas e protestos, cenário de séries e filmes, de verdades e injustiças. Ali, na *Calle Larios*, todo passo dado é atropelado por tantos turistas europeus, sedentos pelo sol que somente o sul da Espanha pode proporcionar. Ouço para ter cuidado com os “falsos ciganos”, e o caminho avermelhado leva meus olhos para uma senhora sentada no chão à beira da igreja. “Ela é cigana”, escuto do guia de etnia *calé*. Uma mulher passa lhe entregando algumas moedas, e aquela senhora sem dentes agradece, espera que a jovem dê as costas e, com as mãos unidas, olha para os céus em um

ALÉM DA RODA

novo sinal de agradecimento. Foi naquele momento, às margens do Gibralfaro, que me dei conta de que talvez tivesse uma história para contar. É sabido que o jornalismo gosta da objetividade e clareza nas reportagens, por isso, peço licença nesse livro-relato para não ser tão objetiva assim. Contar essas histórias como me foram contadas. Escrevê-las com a subjetividade com que as ouvi.

São Paulo, 16 de março de 2023

Paulo Kwiek, de 68 anos, me traz a foto de sua esposa, “ela não era linda?”. Com os cabelos grisalhos amarrados em um rabo no meio da cabeça, a pele marcada pelo sol, ou melhor, pelas marcas de sua etnia, o senhor me recebe em sua casa no Butantã.

Após a primeira conversa de introdução geral, aquele “como está? e “tudo bem”, Paulo me pede para não chamá-lo mais de “senhor”, e conta que ganha a vida dando palestras. Por isso, de acordo com ele, é uma “pessoa falante” e me alertou que poderia interrompê-lo se precisasse. “Tudo que sei sobre meu povo, eu infelizmente mais ouvi falar do que vivi. Minha consciência começa aos 8 anos de idade, e é de onde vou começar a contar a história da minha família”, diz

Relatos ciganos-romani

A família de Paulo saiu da Rússia, fugida da ditadura de Stálin, de uma região que, de acordo com o entrevistado, “pode ser a Ucrânia de hoje”. Ciganos da etnia *kalderash*, os Kwiek chegaram ao Brasil em 1945 — depois de terem passado por Portugal e Espanha. “Você prefere que eu fale os nomes *romani*? Meu avô é o Pasha, minha avó é a Vittora, meu pai é o Potaco e minha mãe, Rosa”.

O povo cigano possui uma língua própria manifestada em diferentes dialetos que têm origem na língua hindu e no sânscrito. Este código linguístico tão pertencente a eles, estabelece a base dos laços sociais e familiares dentro da mesma comunidade ou em comunidades diferentes

“A língua tem um tempero armênio. *Chovexani*, por exemplo, significa bruxa. É curioso, meu avô sempre falava da importância de sabermos o *rom* [língua da etnia], e isso falamos bastante dentro de casa. Era muito mais ensinado que o russo, que só falavam para quando as crianças estavam perto, e meus pais queriam conversar entre si. Do russo mesmo, para mim e meus irmãos, só ficaram os palavrões”.

Muitos falam sobre a família, honra, festas, mas todos têm um elo em co-

ALÉM DA RODA

mum: a lembrança. Paulo explica que dentro de uma família cigana, na etnia *kalderash*, os velhos e as crianças ocupam uma importância fundamental, significando, por um lado, a preservação da experiência e do conhecimento predominantemente oral desta comunidade, e, pelo outro, o futuro da cultura. Por isso, a preservação da língua é de extrema importância, sendo passada das gerações mais antigas para as mais novas.

O linguista e professor brasileiro Wanderley Geraldi diz em sua obra *Concepções de Linguagem e Ensino de Língua* (1984) que a linguagem é “usada como instrumento de comunicação”. Segundo o autor, existe uma estrutura linguística imutável chamada “gramática universal”. Dita estrutura se compõe de uma base de fatores fonéticos, lexicais e sintáticos que são comuns a todas as línguas humanas, e que, apesar das variações linguísticas que possam existir e se desenvolver, uma base universal é estável e acabada.

Mas claro que não é da língua portuguesa que falo aqui, literalmente, mas da memória da língua rom, usada como instrumento de comunicação imutável para a cultura, como Paulo revela ter acontecido dentro de sua família. Mais

Relatos ciganos-romani

que uma gramática universal, a língua rom familiar representa uma resistência imutável, respondendo à necessidade de preservação. Porém, nem sempre é possível manter todas as tradições.

“Para minha família era importante casar com uma moça cigana, por isso se casam tão cedo, para manter a raça”, explica Kwiek. Mas o entrevistado diz ter fugido dessa imposição. Para perpetuar a cultura, não é só necessário manter a língua como também o sangue, por isso, os membros da comunidade são aconselhados, e por vezes proibidos de criar um matrimônio fora da etnia — correndo o risco de serem hostilizados, ou até mesmo expulsos, caso questionem esses dogmas.

“Me apaixonei pelo amor da minha vida, não pude evitar. Eu até estava noivo de outra moça [kalderash], mas a Sueli era minha alma gêmea”. Paulo foi criado pelos seus avós depois da separação dos seus pais. Assim como grande parte dos costumes religiosos, o divórcio também é malvisto dentro da comunidade, pois o casamento é uma parte essencial da tradição. “Foi amor à primeira vista. Eu era um menino, não tinha carro, mas andava até o ponto de ônibus com ela e voltava a pé para casa. Quando meus avós

ALÉM DA RODA

descobriram, quase fui expulso de casa, eu estava noivo de uma menina cigana e precisava honrar os costumes”, diz.

Kwiek disse que foram muitos meses para assumirem o namoro, seguido de “desfazer a aliança” de noivado, para depois tentar a benção da família, “fomos negados dentro da comunidade, mas eu disse que Sueli seguiria os costumes ciganos, e conseguimos [seguir os costumes] por alguns anos”.

Apesar de toda essa tentativa do casal, e do forte laço de amor que unia os dois, Paulo disse que notava como sua esposa era hostilizada dentro de sua família, por não ser cigana, consideravam desrespeitoso ela frequentar as festas da comunidade. “Lembro de uma vez querer vesti-la como uma cigana, e ela me olhar quase chorando porque não queria. Tinha toda essa fala de seguir as tradições, honrar a comunidade, manter os filhos com sangue cigano, mas nós dois só queríamos nos amar. Quando chegava nas festas, minha família conversava com ela [Sueli] em rom [língua cigana], e eu percebia que era uma forma de aborrecê-la”, explica Paulo.

Muitos dos costumes das comunidades ciganas, sobretudo os mais carac-

Relatos ciganos-romani

terísticos, são completamente desconhecidos das sociedades onde estes se inserem, o que por vezes contribui para aprofundar a discriminação. Outro exemplo dentro da matéria do casamento é o fato dele acontecer de um jeito que, ao olhar ocidental, parece precoce, mas que, para os *kalderashs*, funcionava como uma maneira de dar sequência à etnia.

Em entrevista para a Agência Brasil¹, o líder de um acampamento Calon no Distrito Federal, Elias da Costa, diz que os ciganos casam-se cedo para garantir a união da comunidade, “é uma tradição de muito tempo”, diz Costa. “Como o cigano médio nunca estudou, nunca se formou, ele costuma casar-se cedo”.

Paulo ainda explica que além de ser uma forma de manter a cultura cigana por muitos anos, é como um acordo oculto de “as moças continuarem preservando a comunidade e honrando seu marido, e os rapazes não permitiriam a extinção da etnia, quase como um dever”. Depois de explicar a questão, pergunto se ele se sentiu ferindo a tradição Rom, sorrindo

1 A matéria pode ser acessada pelo site da Agência Brasil no link: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2011-05-24/casamento-entre-jovens-ainda-e-tradicao-mantida-por-ciganos>

ALÉM DA RODA

me respondeu: “meus irmãos também não seguiram, casaram-se com moças não-ciganas. Mas se me arrependo? Eu não me arrependo nem por um segundo”.

A caminhada

Na Europa, o povo cigano é perseguido pelo preconceito racial, que vem de uma origem de escravidão da comunidade e discriminação do estilo de vida nômade, que os faziam se misturar e não ter um “sangue puro”. Em 1471², leis que os proibiam de se reunirem em público ou particular, usarem idiomas próprios, vestirem roupas diferentes e, ainda, praticarem sua dança, foram aprovadas na Suíça. Na península Ibérica, a chamada Reconquista Cristã, em 1492, significou não apenas a expulsão de árabes e judeus, mas de ciganos também. No século XVI, os *romani* também foram expulsos da França, durante o reinado de Luís XII, e da Inglaterra, pelo rei Henrique VIII.

Pouco mais tarde, a rainha Elizabeth I fez ainda pior. Durante seu reinado, entre 1558 e 1603, instaurou uma lei que tornava ilegal ser cigano. Isso quer di-

2 Santana, Maria de Lourdes. Os ciganos: aspectos da origem social de um grupo cigano em Campinas. São Paulo, FFLCH, USP, 1983. p. 29.

Relatos ciganos-romani

zer que a pessoa era condenada à morte simplesmente por ser filha de pais Rom.

Foi ainda no século XVI que países como Suíça, Holanda e Dinamarca passaram a promover o que ficou conhecido como “caçada aos ciganos”, como fala o artigo de estudos Romani do professor Thomas Acton, da Universidade de Greenwich (1974)³. Essa proposta acontecia mais ou menos como uma caçada a animais, quase como uma espécie de esporte macabro. Recompensas e honras eram prestadas aos que participavam das caçadas. Na Dinamarca, o evento foi marcado para o dia 11 de novembro de 1835. O resultado foram 260 homens, mulheres e crianças presos ou mortos, todos ciganos.

Nem apenas de idade média, reinados e século XVII se construiu a perseguição contra a raça. Em uma carta de 24 de março do ano de 1938, enviada à Heinrich Himmler, o Doutor Werner Best pedia atenção para “o início da solução definitiva do problema cigano a partir de um ponto de vista ra-

3 O professor e doutor Thomas Acton, da Universidade de Greenwich, relata mais detalhes da história da comunidade cigana no artigo *Romani People In The World* (Pessoas Romani pelo Mundo, em tradução livre), 2007.

ALÉM DA RODA

cial”⁴. Para a burocracia do Terceiro Reich, a “solução definitiva” era a aniquilação das populações ciganas.

Os nazistas consideravam os Rom como “racialmente inferiores” e nisto tinham o apoio de muitos alemães, não necessariamente nazistas, que tinham preconceito social, e racial, contra aquele grupo étnico. O destino dos ciganos pode ser comparado ao dos judeus em termos de perseguição pelo nazismo, já que as autoridades alemãs os submeteram ao aprisionamento arbitrário, trabalho escravo e assassinato em massa.

As autoridades alemãs massacraram os ciganos nos territórios da União Soviética sob ocupação alemã e na Sérvia, bem como nos centros de extermínio de Auschwitz-Birkenau, Chelmno, Belzec, Sobibor e Treblinka. Acredita-se, de acordo com os dados obtidos por historiadores, que mais de meio milhão de Romanis foram sistematicamente perseguidos e mortos durante a Segunda Guerra⁵.

4 Os ciganos são uma raça, e assim como os judeus foram considerados “ameaças” dentro da ditadura nazista (1933-1945).

5 Fonseca, Isabel. Enterrem-me em pé: A longa viagem dos ciganos. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. p. 115-130

Relatos ciganos-romani

Em dezembro de 1942, Himmler ordenou a deportação de todos os ciganos do chamado Grande Reich Alemão. Havia exceções para determinadas categorias, incluindo pessoas de “sangue puro”, ou seja, aqueles que fossem consideradas integrados à sociedade alemã e, portanto, brancos. Ou, que não “se comportassem como ciganos”, e também tinha uma abertura para aqueles que se destacassem no serviço militar alemão⁶. Cerca de 5.000, talvez até 15.000, pessoas se encaixaram nessas isenções, embora as autoridades locais muitas vezes ignorassem as distinções durante as capturas. Policiais da SS chegaram a apreender e deportar soldados roma que serviam nas forças armadas alemãs (Wehrmacht), quando eles estavam de licença, em suas residências.

O povo judeu sobreviveu a um cruel genocídio, tiveram suas histórias reproduzidas em livros, filmes, e séries, lembradas de tempos e tempos, eternizando o sofrimento que jamais deverá ser repetido. Dada a forte cultura escrita, os semitas foram capazes de regis-

6 Informação sobre o Holocausto cigano pode ser encontrada no estudo citado do doutor Thomas Acton, e no portal online <https://encyclopedia.ushmm.org>.

ALÉM DA RODA

trar suas memórias em uma herança que tem origem a *Torá*.⁷ Enquanto essa memória judaica se perpetuou, pode-se dizer que a comunidade cigana passou por um aniquilamento de suas vidas, memórias, relatos e histórias, que permaneceram sem registros arquivados, revividos apenas de forma ágrafa pelo núcleo que sangra a saudade desse alguém.

Apesar de planificada e metódica, a perseguição aos ciganos teve, contudo, diferentes características, dependendo da região onde eles residiam e da relação entre o governo local e a autoridade nazista com a comunidade. Em geral, a violência era mais direta e sangrenta nos territórios ocupados pelos ditadores, como na Polônia e na própria Alemanha. Nos países que contavam com um governo pró-nazifascista, as ações eram mais espalhadas, mas não menos hediondas. Por isso, essa tortura se perpetuou, já que tanto antes do regime de Hitler como depois, a comunidade permaneceu sendo excluída na Europa.

7 Livros sagrado-religioso da comunidade judaica. Tem origem no termo hebraico *Yará*, que significa ensinamento, instrução ou Lei.

Relatos ciganos-romani

Os relatos ciganos no holocausto são movediços e lacunares porque são orais, e ao longo dos anos alguns estudiosos tentaram explicar os acontecimentos, porém essas histórias não são comuns nos livros de editoras educacionais. Mas, como qualquer dança que exija um pouco mais de flexibilidade, o resultado nas descobertas de cada passo, ritmo e ensaios, é um concerto inovador, emocionante e revolucionário. E como faz parte da cultura desse povo saber alguns passos, eles continuaram dançando.

ALÉM DA RODA



Fotografia do Reimar Gilsenbach, que registrou a cigana Margarete Kraus, presa em Auschwitz e Ravensbruck. Nascida em 16 de dezembro de 1928, e falecida em 20 de dezembro de 2005.

As marcas

Os olhares distraídos fazem da foto um simples quadro. Porém, o preto e branco revelam muito mais que uma moça na janela. Reparando nas marcas do seu braço esquerdo, pode-se notar que a imagem tem história. A vida da jovem é um registro do racismo, da perseguição e do sofrimento vividos no Holocausto. Margarete Kraus carregava consigo a sina de uma etnia. Ainda adolescente, foi deportada com sua família para Auschwitz, e forçada a viver no chamado *Zigeunerlager*⁸ além de ter sido submetida a experimentos dos médicos nazistas.

Sua família, de origem Sinti, não sobreviveu. E seu relato, não consta nesse livro, mas seu retrato estampa O Museu do Holocausto em Berlim, na Alemanha.

O arquivo pode ser encontrado no acervo virtual da Biblioteca Wiener, — um dos mais antigos do Holocausto — mas nada além de seu nome e sua origem se sabe. A discriminação cigana continuou nos anos seguintes, e essas vozes foram abafadas por tantas outras capazes de

8 Espécie de “Campo de Concentração Cigano” ou Acampamento Cigano em tradução livre do alemão.

ALÉM DA RODA

escrever, de registrar sua dor, e eternizá-la, enquanto os Rom lutavam trocando suas vidas por um pedaço de memória.

Entre os relatos ouvidos, historiadores e curiosos, há quem afirme que o número de ciganos mortos no Holocausto foi maior do que se sabe. O historiador italiano diz que pode ter chegado a um milhão de vítimas. “Digamos que convencionalmente se pensa em meio milhão de vítimas. Mas é quase impossível contá-los agora, porque não há registros concretos”, responde o historiador Leonardo Piasere, em entrevista para o jornalista italiano Gian Antonio Stella, publicada em 2021 pelo *Corriere della Sera*. Autor de alguns livros sobre o tema da comunidade Rom, Piasere retrata as várias lacunas da história em sua publicação de 2004: *I Rom d’Europa* (Os ciganos da Europa). E justamente por não se terem escritos, algumas vidas se tornaram inumeráveis.

O historiador escreve que a “grande maioria [dos ciganos] não conseguiu deixar relatos por escrito. Além disso, os documentos soviéticos liberados para a consulta revelam como os nazistas, na Europa do Leste conquistada, aniquilavam à sua passagem aldeias inteiras, muitas vezes de

Relatos ciganos-romani

Sinti e Rom residentes, camponeses já atingidos pela repressão de Stalin”.

Também em entrevista, um judeu italiano Piero Terracina deu seu depoimento como sobrevivente do Holocausto e relata:

“Lembro-me que o meu primeiro pensamento naquela manhã foi de ir dar uma olhada do outro lado do arame farpado. Não havia mais ninguém, só o silêncio. Bastava dar uma olhada para as chaminés dos fornos crematórios que estavam funcionando a todo vapor para entender que, naquela noite, todos, todos os ciganos do que chamavam de Zigeunerlager, haviam sido assassinados. Todos.”

Terracina faleceu em 2019, e com ele, se foi essa memória do Holocausto Cigano. É necessário um exercício de escuta literal, para sentar, ouvir e entender sobre os cacos pisados de um povo que teve sua cultura inteira baseada no relato oral, na passagem de conhecimento da geração anterior para a que está vivendo o presente e construindo um futuro. A memória de um sofrimento quando não se arquiva, desaparece. Porque com o tempo a sociedade es-

ALÉM DA RODA

quece antigas dores e apaga tatuagens.

Toda língua se expande com palavras diárias, emprestadas ou não. Mas, talvez nenhuma tão intensamente como o romani. Isso porque as pessoas que a falam cruzaram muitas fronteiras, reais ou imaginárias, e porque a língua comum ainda não foi fixada na escrita. O reconhecimento do *Porrajmos*⁹ só começou a ganhar destaque na década de 70. No dia 8 de abril de 1971, durante o 1º Congresso Mundial Romani¹⁰, realizado em Londres, decidiu-se formar uma comissão para esclarecer os crimes contra povos ciganos durante a Segunda Guerra Mundial.

A partir deste marco, a luta pelo reconhecimento tornou-se uma força motriz dos movimentos sociais dos ciganos, que visam também lutar contra o preconceito, contra o Anticiganismo (forma de racismo que os atinge) e o reconhecimento da comunidade cigana como uma Nação.

9 Significa literalmente “devorar”, é um termo cunhado pela comunidade para descrever as atrocidades do Holocausto cigano.

10 Congresso Internacional onde foi adotada a bandeira e discutido assuntos internos da comunidade.

Relatos ciganos-romani

São relatos e mais relatos de enredos mal contados e excluídos por séculos. Histórias que foram anuladas, omitidas e deturpadas por livros, filmes, novelas e séries. Olhares dos outros sobre um povo que se escondeu depois de ter passado por ditaduras, genocídios e perseguição¹¹.

Como pedi licença no começo, retorno ela por aqui, porque raramente se encontrarão escritos de um romani. Então, escrevo como me foi contado. A cultura desse povo é passada de geração a geração de forma ágrafa, e o meu desafio nesse livro-relato será transcrever uma história que foi escutada por séculos — e corre o risco de se perder.

Hoje, o Brasil tem maior entendimento de que a cultura indígena é gigantesca, dividida em diferentes aldeias, regiões, e os sobrenomes que carregam selam as marcas do povo de origem. Dessa forma os *romani*, divididos em clãs por lugares distintos, têm entre si diferentes dialetos, culturas, roupagens e principalmente: diferentes lembranças.

11 Milgram, Avraham, Portugal, Salazar, os judeus e ciganos, Lisboa, Gradiva, 2010.

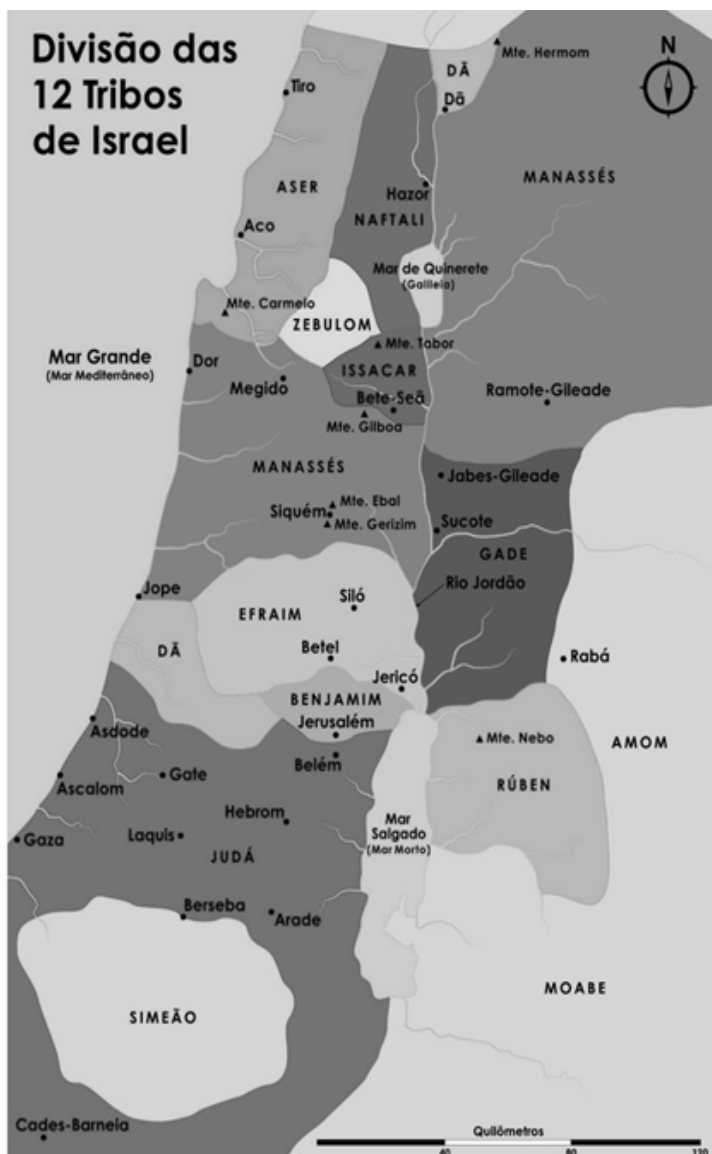
A história oral

O uso vívido da língua é de suprema importância e as imagens criativas são valorizadas dentro da comunidade. Uma história que está sendo contada é tão importante quanto a maneira como é contada, e os bons contadores de histórias são respeitados dentro (e fora) de cada clã. Entre as muitas hipóteses referentes ao surgimento do povo cigano, aos curiosos, uma breve pesquisa na internet lhes dará a versão mais aceita dentro da academia: vieram da Índia, se dividiram e migraram até a Europa. “Mas, existe uma especulação de que nossa origem na verdade é anterior à Índia. Alguns de nós achamos que somos uma das 12 tribos judaicas, que se separaram porque não queriam aceitar a ideia de Moisés sobre os dez mandamentos. Imagina só, um povo que ficou preso no Egito por tanto tempo, sair de lá e ter que obedecer a um homem que diz ouvir a voz de Deus? Seria como entrar em outro cativeiro. Nós não aceitamos, e assim começou nossa jornada de migração”, conta Paulo Kwiek.

As Tribos judaicas faladas por Paulo vieram de uma história Bíblica escrita no livro de Gênesis, do Antigo Testamento. Nada mais são que grupos de ascendência

Relatos ciganos-romani

hebraica que teriam se originado na família de Jacó, um dos principais patriarcas judeus segundo os escritos Sagrados.



Reprodução/Estudos da Bíblia

ALÉM DA RODA

Com o intuito de se organizarem até a Terra Prometida, cada tribo tinha nome de onze dos seus filhos, são eles: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Dã, Naftali, Gade, Aser, Issacar, Zebulom e Benjamim. A décima segunda tribo, que seria de José, filho de Jacó, foi dividida em duas, recebendo o nome dos seus herdeiros: Efraim e Manassés.

Na história Bíblica, o povo caminhou em busca dessa promessa por cerca de 40 anos. “Nós andamos muito, toda nossa vida, mas nunca andamos em círculos. Talvez essa seja a resposta que tanto buscamos para os males que vivemos: sempre questionar”, explica Paulo Kwiek.

Para o entrevistado, o povo cigano nunca foi muito obediente, por isso se separou das doze tribos, trilhando sua própria jornada. Assim, vemos como as narrativas orais são Para o entrevistado, o povo cigano nunca foi muito obediente, por isso se separou das doze tribos, trilhando sua própria jornada. Assim, vemos como as narrativas orais são interpretações do passado sob a perspectiva de um sujeito e estão intrinsecamente relacionadas às questões sociais e da memória individual.

No texto escrito, cravado em tábulas

ou páginas, há um entendimento de que as narrativas se constroem concretamente, sem alterações, como um processo de petrificação da história. No texto bíblico (escrito) não há nenhuma menção ao povo cigano; já a oralidade, pauta-se nas subjetividades dos indivíduos, no processo de recordação, dando espaço à interpretação individual¹², que pode explicar uma origem para a falta de raízes da comunidade Rom, questionando as Leis de Moisés, de acordo com Paulo.

Porém, a teoria mais aceita pela comunidade Rom geral, e pelos poucos estudiosos do assunto romani, revela que a comunidade é originária do Noroeste da Índia, partiu em êxodo desta região por volta do ano 1000 por razões que, ainda hoje, não são totalmente esclarecidas.

Em 1777, Johann Christian Cristoph Rüdiger, professor da Universidade de Halle, na Alemanha, em carta ¹³

12 Portelli, Alessandro. O que faz a história oral diferente (1997). Projeto de História, São Paulo, Universidade Federal de Santa Catarina. O artigo pode ser acessado pela internet, através da Biblioteca Online da Universidade.

13 Dez séculos de discriminação, por Mário de Queiroz. Outras Palavras, 08 de outubro de 2010 (originalmente publicado pela Agência IPS em 11 de setembro de 2010).

ALÉM DA RODA

ao linguista Hartwig Bacmeister, sugere uma possível ligação entre o romani e as línguas da Índia, e foi assim que explicação foi cunhada dentro da academia, e expendida pela comunidade.

Dentro da história e antropologia estudadas até hoje, mostra que a comunidade se espalhou pela Ásia e Norte da Europa num surto de migração que deu origem à denominação “Rom”¹⁴. Um outro fluxo passou pelo Egito, de onde veio o nome de *gypsy*, *tsigane*, *gitano* e cigano, e voltou a espalhar-se pelo Norte de África, Península Ibérica e Sul da Europa.

A invisibilidade da comunidade cigana é construída junto com a formação do Brasil. João Torres é citado como o primeiro cigano em solo tupiniquim. Mas claro que ele e sua esposa não vieram voluntariamente, e sim deportados de Portugal. Em 1574 Torres e sua mulher Angelina, foram presos apenas pelo fato de serem ciganos¹⁵.

14 O endônimo “rom” foi adotado pela “União Romani Internacional” (em romani: Romano Internacionalno Jekhetanipe) e pela Organização das Nações Unidas.

15 ANEXO I OS CIGANOS NO BRASIL DEPARTAMENTO DA DIVERSIDADE. [s.l.: s.n.]. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/formacao_acao/2se-

Relatos ciganos-romani

Torres sempre é citado como o primeiro cigano a entrar no Brasil. Mas não se sabe se ele realmente embarcou nessa aventura marítima colonizadora, se aguentou a longa viagem — na qual certamente não teve tratamento de primeira classe — ou se chegou ao seu destino. Não se sabe de onde desembarcou, nem quanto tempo ficou no Brasil, nem ao menos se depois dos cinco anos de sentença voltou a Portugal. Ou seja, nada, absolutamente nada se sabe do destino dele e de sua família.

É possível que Torres nunca tenha chegado ao Brasil, e que outros ciganos tenham chegado antes dele. E de qualquer forma, se ele realmente embarcou, veio acompanhado apenas pela mulher e, talvez, seus filhos, e não “liderando um bando de ciganos”, ou “chefiando numerosas famílias que o acompanhavam”, como acreditam os que preferem usar a fantasia Orientalista em vez de ler o documento original¹⁶.

A deportação de ciganos portugueses para o Brasil, ao que tudo indica,

mestre2016/fa_ciganos_anexo1.pdf

16 RODRIGO CORRÊA TEIXEIRA. Ciganos no Brasil. [s.l.: s.n.].

ALÉM DA RODA

só começou mesmo a partir de 1686. Dois documentos portugueses daquele ano informam que os ciganos deviam ser degredados para o Maranhão (Coelho, 1995). Mas também outras capitanias os receberam. Mello Moraes Filho (1981: 26 [1886/1885]) cita dois documentos de 1718, em que ciganos foram obrigados permanecer em Pernambuco e na Bahia.

A comunidade cigana foi constituída ao longo da história como um grupo marginalizado pelas sociedades com as quais esteve em contato pela recusa de abandonar a sua própria cultura, tradição e principalmente sua língua. A fala sempre foi importante para os Rom, assim como a necessidade visceral de liberdade e independência. Por isso, durante séculos escolheram a vida nômade, por ser aquela que lhes permitia sobreviver em plena identidade. Mas hoje já não é a realidade de toda a comunidade.

A jornalista norte-americana de ascendência hispânica e húngara, relata em seu livro *Enterrem-me Em Pé*¹⁷, que em *Oberwart*¹⁸, no ano de 1995,

17 Fonseca, Isabel. *Enterrem-me em pé: A longa viagem dos ciganos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. p.

18 Cidade que fica a 120 quilômetros de Viena, na Áustria.

uma bomba caseira fora escondida por trás de uma placa que dizia, em lúgubres letras góticas: **“Ciganos, voltem para a Índia”**. O trabalho da escritora foi feito em 10 anos, vivendo no Leste da Europa e relatando a perseguição na Áustria, Romênia, Polônia e Rússia, e ouvindo os ciganos locais. Existem registros arquivados desses maus-tratos? Não. A imprensa nem sempre relata, ou consegue chegar até os ciganos que vivem em acampamentos. Mas foi o que Fonseca fez, através da escuta e vivência em comunidades, registrou o que antes não tinha registro.

Os ciganos do Sul da Europa: *Calés* ou *Calons* em Espanha e Portugal; e os *Manouches* na França, bem como os *Rom* do Leste europeu, majoritariamente concentrados na Romênia, constituem mais de dois milhões e meio de pessoas, que partilham todas a mesma herança cultural da Índia — transformada por séculos de nomadismo e absorvendo a cultura de cada Nação.

Os *Rom* também ficaram conhecidos e estigmatizados pela base da economia de suas comunidades, que era tradicionalmente o ofício artesanal, como os ferreiros, caldeireiros, cesteiros, ou o comércio de bens e de ani-

ALÉM DA RODA

mais. Esses vários tipos de ocupações profissionais mantêm-se ainda hoje.

No Leste da Europa, ainda existem clãs de famílias cujas características fazem lembrar as castas indianas, em que os ofícios são seguidos por várias gerações. Por exemplo, encontramos no ofício de caldeireiros os *kalderash*, ou no comércio de cavalos os *lovara*. “Meu povo também tem uma ligação muito forte com o ouro e metal. Para nós, é importante mostrar a cultura através das joias e as moedas. Lembro que nas festas de família, as mulheres sempre estavam com roupas mais coloridas, que mostram as origens dos *kalderash*”, diz Paulo.

A cultura *kalderash* tem origem no norte da Rússia, atravessando todo o leste europeu. O entrevistado enfatiza o cultivo da tradição dentro de sua etnia, enaltecendo as festas e as roupas com herança cultural sob influência das *Matrioshkas*¹⁹. “Somos conhecidos como ‘ciganos de circo’, isso porque trouxemos o circo para o Brasil, e também por nossas roupas coloridas, tecidos volu-

19 Criada há mais de 120 anos na Rússia, as *Matrioshkas* iniciaram sua trajetória como um brinquedo instrutivo, com a crença de boa sorte, e em pouco tempo tornando-se referência da cultura popular Russa.

Relatos ciganos-romani

mosos e os vestidos das mulheres. Nem todos os ciganos são assim, existem etnias que não tem roupa que os identifiquem como povos Romani, mas nós *kal-derashs* somos assim”, explica Paulo.

Quando o questioneei sobre alguma situação de preconceito, ou memória de discriminação, Paulo negou. “Sempre me mostrei muito íntegro, eu e minha família. Por medo do estigma”.

Não se sabe de onde, nem como surgiu o estigma de que o povo cigano é um “povo ladrão”, e não há relatos que expliquem o porquê. Paulo me explicou que toda a família sempre agiu com muita honestidade, justamente para “não ter o que o povo falar”. Me revelou que seu avô comprou um grande terreno, para provar que tinham dinheiro e não precisavam pegar nada de ninguém.

Os Kwiek sempre foram íntegros e demonstravam isso, mas quando alguma coisa sumia em sala de aula... “Às vezes me olhavam, procurando”.

ALÉM DA RODA



Acervo Pessoal/ Paulo Kwiek

Paulo deixa a foto com sua avó Vittora como perfil no seu hatsapp, para ele é uma forma de eternizá-la. Registrando.

Relatos ciganos-romani



Acervo Pessoal/ Paulo Kwiek

Memória em forma de utensílio culinário compartilhado por Paulo. O objeto de origem russa, utilizado para aquecer água e servir chá, é conhecido como “Samovar”, e pertenceu ao seu avô Pasha.

ALÉM DA RODA

“Era uma época mais tranquila, as crianças iam a pé à escola, e minha casa ficava no meio do caminho para o colégio. Depois de muitos anos, um dia desses na verdade, uma amiga que estudou comigo me disse que sua mãe a proibia de passar no meu portão, porque diziam que ‘cigano rouba criancinha’. Eu só fiquei sabendo disso depois de muito tempo”, revela Paulo Kwiek. A força de muitos dos costumes mais tradicionais do povo cigano tem vindo a enfraquecer, sobretudo nas comunidades suburbanas, dada a enorme pressão de “provar integridade”.

“Mas de minha família restou isso, entende? Pouco. A honestidade e um Samovar, que era do meu avô. Além claro, das memórias. Essas são muitas”.

A Roda

A Roda Cigana é o símbolo máximo da Cultura Cigana presente na bandeira que identifica este povo. Representa o ir e vir sobre a Terra, os caminhos percorridos e sofridos pelas diversas intempéries e desafios. Ela simboliza, dentro da cultura, o passado e o presente contínuo, como uma roda.

Falando então de atualidades, durante a segunda metade do século XX, e

Relatos ciganos-romani

início do século XXI, foram criadas instituições de defesa da cultura e dos direitos do povo cigano, organizadas na Europa. Elas [as instituições] lutam pela preservação de muitas das tradições romani, ao mesmo tempo que pretendem um estatuto de cidadania efetiva junto das sociedades os quais os ciganos estão inseridos, com respeito dos seus direitos fundamentais, entre os quais o respeitante à diferença.

Em 2006, o segundo governo do atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva, instituiu um decreto que lançou oficialmente o dia 24 de maio como celebração da cultura cigana. A escolha da data foi feita como homenagem à Santa Sara Kahli, considerada padroeira dos ciganos. A primeira celebração em homenagem a Santa ocorreu no dia 24 de maio de 1935 em Saintes-Maries-de-la-Mer, na região de Camargue, na França. Resgatando a tradição na Europa, o presidente decidiu manter o mesmo dia como comemoração no Brasil.

Nos últimos 20 anos, a produção de estudos acadêmicos sobre o povo romani tem crescido consideravelmente; porém, ainda há uma lacuna significativa com relação a produção de dados e estatísticas oficiais. Atualmente,

ALÉM DA RODA

a única pesquisa de amplitude nacional que oferece dados sobre os povos ciganos no Brasil é a Pesquisa de Informações Básicas Municipais (Munic).

Desde 2022, está sendo discutido quais novos grupos deverão integrar a pesquisa, como a população LGBTQIA+ e a população cigana. A reivindicação dos povos ciganos para fazer parte do censo vem desde o início dos anos 2000, mas nunca foram incluídos pelo governo brasileiro.

“É o que eu já disse à um veículo de comunicação, se você não está no censo, como serão elaboradas políticas públicas para a comunidade? Tem que saber onde ela [a população cigana] está, quais são seus contextos sociais, educacionais, de saúde. Enfim, as condicionantes de vida dessa população, para fazer políticas públicas. Se não tem essa informação ficam só com números abstratos”, afirma Aluizio de Azevedo Silva Junior, cigano da etnia Calon, jornalista, pesquisador das culturas ciganas e representante dos povos ciganos no Conselho Nacional de Igualdade Racial.

Outro instrumento importante como base de dados da comunidade é o Relatório de Informações Sociais do Bol-

sa Família e Cadastro Único, do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fomes, criado em 2016, ou seja, com dados desatualizados.

Em junho de 2015, o índice apresenta cadastro de mais de 3 mil famílias ciganas em situação de extrema pobreza, sendo 2.787 à época beneficiárias do programa Bolsa Família. A maior concentração de cadastros de membros da comunidade está na Bahia (964), Goiás (316), Minas Gerais (249), Rio Grande do Norte (143), Maranhão (129) e Paraíba (111).²⁰

As linhas dessa narrativa me acompanharam em falas que, por vezes, sussurravam suas etnias, pensando que deveriam gritar, mas lembrando do silêncio que foram obrigados a enfrentar por tantos séculos. Foi assim que percebi que, por décadas, talvez dentro de centenários, que a história tinha sido mal contada. O “coração cigano” não existe. O que existe é um povo que, por vezes, desconhece sua própria história. Essas memórias foram apropriadas por *gadjós*

20 Disponível para consulta aberta ao público no site. Disponível em:

<http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/Riv3/geral/index.php>.

ALÉM DA RODA

(ou *payos*) ²¹, distanciando a comunidade do que de fato é ser cigano. Mas aqueles que ouviram, continuarão falando.

21 Gadjós ou Payos são termos designado aos não-ciganos, aqueles que não fazem parte de nenhuma etnia ou ascendência da raça.

CAPÍTULO 2

De Esmeralda a Carmencita

ALÉM DA RODA



Reprodução/O Corcunda de Notre Dame (1956)/ Gina Lollobrigida

Mulheres com vestidos longos e decorados dançam ao redor de uma fogueira. Enquanto isso, um menino entre 6 e 8 anos recebe um cordão que lhe promete a recém-nascida Dara (Tereza Seibnitz) como esposa. Os anos passam e a jovem é conhecida por ser um espírito livre, que nega as tradições ciganas — já que seu pretendente desapareceu e ela demons-

tra não se importar com o casamento.

A escolha de Dara embarga a vida de Yanka, sua irmã mais nova interpretada pela atriz Leandra Leal, que se queixa durante quase 40 episódios da novela, por estar com quinze anos e não ter se casado ainda.

“Você não tem noção de como essa novela atrapalhou nossa vida. As pessoas realmente acreditam que nós *romani*, somos aquilo”, diz Tatiana Manouche. A dançarina e professora fala da consagrada novela brasileira *Explode Coração* (1996), que começa seu primeiro episódio com a cena narrada.

A trama produzida pela Rede Globo¹ tinha o intuito de retratar uma família de origem cigana, que morou em Sevilla², na Espanha, e volta para o Brasil vivendo dentro das tradições: “de forma errada e estereotipada”, de acordo com Manouche.

Em uma longa conversa no muni-

1 A novela é encontrada com trechos no YouTube ou com os episódios completos pela plataforma da Globoplay.

2 Cidade espanhola capital da comunidade autônoma da Andaluzia. O lugar é conhecido por sua herança cultural do flamenco, um dos estilos de dança de origem cigana.

ALÉM DA RODA

cípio de Bauru, a doutora e PhD em engenharia e comunicação, Janaina Azevedo, diz entender as intenções de Mirian Stanescom, cigana que inspirou a protagonista na novela. Mirian era advogada e morreu em setembro do ano passado (2022) por uma causa que não foi divulgada publicamente.

“A intenção da Mirian era das melhores, não quero julgá-la. Ela achou que seria interessante difundir nossa cultura, e realmente seria. A questão é que ela foi ingênua, achou que a Rede Globo iria topar fazer uma novela sem estereótipos e reprodução de racismo. Em nome do lucro, a pesquisa foi [a ação] menos relevante para a construção do roteiro, da direção. Hoje, o que as pessoas entendem como cultura cigana vêm da novela, que não procurou saber direito sobre a comunidade como um todo”, comenta Janaina, da etnia Calon.

Brasília, 17 de abril de 2023

Com o cabelo ruivo ondulado e pele clara, Tatiana da Rosa Manouche usa uma blusa solta com estampa lisa, e me recebe virtualmente na sua casa em Brasília, com guitarras e violões pendurados no fundo da sala, e gatos que passavam de um lado para o outro enquanto conver-

Relatos ciganos-romani

sávamos. “A própria palavra ‘optchá’ que falam centenas de vezes durante a novela, não existe para nós”, revela Tatiana.

Janaina explica que a origem do “optchá” vem da família de Mirian, que era Húngara. “O roteirista deve ter ouvido eles falando a palavra entre si e pensou: hm, todo cigano deve falar isso. Mas não, isso não faz parte do Rom, não é parte da cultura romani, e sim do dialeto húngaro”, explica a doutora.

A fala das mulheres entrevistadas é de que o Brasil se apropriou da cultura cigana de forma deturpada, fetichizando³ principalmente as mulheres e transformando o debate racial em um mero “estilo de vida”.

“Guria, veja só, o Brasil é o único país do mundo em que as pessoas se autointitulam ‘ciganas’. Em qualquer outro lugar, este seria o significado de alguém que pode ser preso, considerado bandido, alguém que seria hostilizado. E o país de maior miscigenação, banaliza o sofrimento de um povo que foi para o holocausto, para justificar uma vida

3 Do dicionário informal: s.f Ação ou efeito de fetichizar, tratar como fetiche ou transformar em fetiche.

ALÉM DA RODA

boêmia e escrever letras de músicas que falam sobre traição ou sedução”, relata a sinti Tatiana Rosa Manouche.

“Estamos cansados de ouvir que certo alguém tem ‘coração cigano’ porque não consegue manter um relacionamento. Parem de usar nossa etnia como argumento para falta de fidelidade”, escreve em suas redes sociais a professora de história, Antonella Nardy⁴, de etnia calon.

Tatiana é uma forte representante da luta contra o anticiganismo, e faz parte de grupos de debate na França e na Alemanha. Ela me corrige algumas vezes pelo uso do termo “cigana”: preferimos ser chamados de ‘Rom ou romani’, por favor. A dançarina e professora me conta aos risos histórias de quando dava aula e, ao entrar nos estilos flamenco ou jazz maouche, diz que a aula se tornava uma classe de história. “Eu não podia deixar de contar para aquelas meninas sobre minha origem, de onde veio aquela dança que é *gitana*, que é romani. Algumas vinham falar que eram da igreja e não podiam se ‘meter com coisa de cigano’, então lá ia eu novamente explicar sobre minha raça”.

4

Postado em seu Instagram de uso pessoal.



Acervo pessoal de dança/Tatiana Manouch

A família de Tatiana saiu da Alemanha, fugindo da ditadura de Hitler. Quanto às lacunas de registro sobre o Holocausto Cigano, Maouche lamenta: “Eu faço parte de uma família que chora pela saudade de alguém, e choro ainda mais por saber que esse lado da história é tão pouco difundido”, diz.

As “tradições”

Segundo a tradição, a partir da fala das entrevistadas, uma boa mulher cigana é aquela que obedece ao pai e depois ao marido, mantendo-se em um regime patriarcal, sendo importante que tenham filhos para levar a cultura adiante. Por isso, para a comunidade é comum que meninas se casem

ALÉM DA RODA

depois da menarca⁵, mas isso vem mudando e já não é tão aceito como antes.

Tatiana se demonstra mais enfática quando fala da visão midiática sobre os povos Rom, que, de acordo com ela, gerou uma “carnavalização” da visão da mulher romani dentro e fora da televisão, aproveitando-se de estereótipos que foram difundidos no Brasil, principalmente, pela telenovela *Explode Coração*. “Olha, eu sou sinti. Nós, e digo sempre apenas pela minha etnia, somos um pouco mais *sisudões*, entende? Isso porque...”, naquele momento, Tatiana parecia ter perdido um pouco a linha de raciocínio. Com medo de interrompê-la, me mantive em silêncio.

O silêncio ocupou o ambiente, meu e dela. Foi ali que revivi as vozes ouvidas até o momento. Vozes que, curiosamente, diziam a mesma coisa. Vozes que repetiam o anseio de serem ouvidas por conta própria, de contarem seu lado da história. Como se o silêncio lhes fosse imposto. Vozes de mulheres fortes que vivem aprisionadas por estereótipos. Revivi, até ali, as vozes romani que sentaram para me contar aberta-

5 Primeira menstruação.

mente sobre sua cultura e seu povo.

Depois de um longo período de três minutos, Tatiana respira e continua, “isso porque nossas histórias foram apagadas e muitos de nós não sobreviveram ao Holocausto. Somos mais sisudos, mais frios, temos medo da mídia e temo um pouco de desconfiança com os gadjos”, explica. Neste dia, agradei à Tatiana pela abertura e terminei a conversa mais cedo.

A imprensa é uma grande formadora de opinião. Hoje, a competição com as redes sociais se torna cada vez mais desleal para o chamado “jornalismo sério” — com profissionais capacitados, que prezam pela repercussão da verdade. Porém, a abertura dessas plataformas trouxe uma oportunidade para que as pessoas que não eram representadas pela grande mídia tivessem uma voz própria.

A jovem Hatila⁶ coleciona mais de 80 mil seguidores no TikTok e cerca de cinco mil no Instagram, com o objetivo de disseminar a cultura cigana na internet. Pertencente à etnia calon, a influencia-

6 Disponível na página do Tik Tok <https://www.tiktok.com/@hatilacigana/video/7213382737397320966> ou Instagram <https://www.instagram.com/hatilacigana/>

ALÉM DA RODA

dora nasceu em Governador Valadares, Minas Gerais, e atualmente mora no Sul da Bahia. Este mesmo Sul que foi palco de um feminicídio contra uma outra jovem cigana: Hyara Flor Santos, de 14 anos.

A adolescente Hyara Flor Santos Alves, foi morta aos 14 anos na cidade de Guaratinga, extremo sul da Bahia. O marido da jovem, que também tem 14 anos, era considerado o principal suspeito de matar a companheira. Ele foi apreendido no dia 26 de julho de 2023, em Vila Velha, no Espírito Santo. Até então, acreditava-se que o disparo acidental vindo do cunhado de Hyara que causará a morte. Porém, a polícia manteve a investigação em aberto.

“A gente não gosta muito da imprensa. Porque jornalista só aparece para cobrir tragédia, morte. Estampam o rosto dos nossos primos e primas na televisão, e noticiam uma morte como se fizesse parte da nossa cultura. Não faz! Casamento aos 14 anos é crime, violência doméstica é crime, morte não é cultura, [essa] morte é feminicídio”, diz Elisabete Martinho, pedagoga e representante da AMSK/Brasil no Rio de Janeiro.

A Associação Internacional Maylê Sara Kalí (AMSK), é uma organização não

Relatos ciganos-romani

governamental que luta por políticas públicas, buscando e denunciando ações que vão contra os direitos humanos dos povos ciganos. “Como se mata um povo? Destruindo sua herança, subjugando sua cultura, fingindo não ver, banalizando suas necessidades primárias, matando referências”, é a frase que se encontra na aba de “quem somos”, no portal oficial da AMSK, disponível na internet⁷.

A fim de acolher a comunidade e se tornar uma referência de representação ao povo, — em termos de porto-seguro — a associação é a primeira no Brasil a reunir tantas mulheres ciganas com distintas formações para lutar por um mesmo propósito: a visibilidade. A conversa entre duas lideranças da Associação foi feita através de telas: uma em São Paulo, outra no Rio de Janeiro e mais uma no Distrito Federal, durante um dia quente de inverno. A presidenta⁸ Elisa Costa e a representante Elisabete Martinho, entraram na reunião online trocando elogios uma à outra, mas permaneceram sérias enquanto conversá-

7 Disponível em: <https://www.amsk.org.br/>.

8 Aqui uso o termo “presidenta” em respeito a forma como está escrito na página inicial da AMSK e como a própria Elisa Costa se intitula durante a conversa.

ALÉM DA RODA

vamos sobre o povo Rom e seus rótulos.

Engolindo em seco as duras críticas de Elisabete à imprensa, tive um rápido flashback da cobertura midiática referente a morte de Hyara. Como em *A Montanha dos Sete Abutres* (1951)⁹, a engrenagem da notícia só continua girando se aquilo repercute, tem audiência. No filme, o repórter Chuck Tatum chega ao Novo México e começa a escrever para o jornal local. Entediado com a cidade, descobre em um passeio de carro com um de seus colegas de redação, sobre um explorador que fica preso em uma mina de tesouro por ali. O jornalista então transforma a história em uma sensação midiática, quase que impedindo a saída do jovem que estava preso na caverna. Quanto mais tempo ele ficasse ali, mais matérias eram feitas e vendidas, e Chuck nunca se saciava do assunto. Tirava até a última gota.

9 'Ace in The Role' ou *A Montanha dos Sete Abutres*. EUA, 29 jun. 1951.

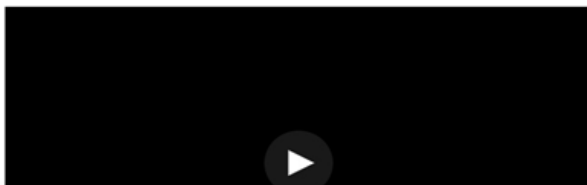
Relatos ciganos-romani

Cotidiano

Marido de cigana de 14 anos morta na Bahia é apreendido no Espírito Santo

Do UOL, em São Paulo

26/07/2023 19h00  Atualizada em 27/07/2023 11h33



PUBLICIDADE

Reprodução/UOL

Brasil

BA: vingança e mistério envolvem morte de jovem cigana de 14 anos

Conhecida a família, adolescente foi morta pelo marido, da mesma idade, a mando do pai dele, diz a família. Justiça pediu apreensão do rapaz.



Laura Braga

17/07/2023 08:26, atualizado 17/07/2023 13:03

Compartilhar notícia



 Reprodução/Fantástico



Reprodução/Metrópoles

Casamento na tradição cigana: saiba como foi a cerimônia que jovem de 14 anos morta com tiro teve na Bahia

Principal suspeito do crime é o marido da vítima, da mesma idade. Os jovens se casaram com a permissão das duas famílias, mas não tem validade para a justiça brasileira.

Por Fantástico

18/07/2023 05h03 · Atualizado há um mês



acao.globo.com...

Reprodução/G1

Cigana de 14 anos é morta com tiro no queixo na Bahia; pai da vítima oferece R\$ 300 mil por paradeiro do suspeito

Caso é investigado pela polícia como feminicídio

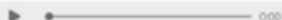
Redação Terra

9 jul 2023 - 13h20 (atualizado às 13h21)

Compartilhar

Exibir comentários

Ouvir texto



Reprodução/Terra

O mistério que envolve a morte de uma menina cigana na Bahia

Hyara Flor Santos Alves, de apenas 14 anos, foi baleada e morreu no município de Guaratingá

POR LUCAS VASQUES
Escrito em Brasília - 18/07/2023 - 13h02



Reprodução/Revista Fórum

Relatos ciganos-romani

Os olhares populares que lotam os noticiários policiais, os famosos telespectadores, degustam tragédias como uma forma insaciável de entretenimento. A verdade por si só talvez seja menos encantadora, principalmente quando ela desmascara a visão do outro sobre o que é diferente. “Quando chegam com câmeras e não estamos de saias lendo mãos alheias, acho que eles [os repórteres] não veem nada muito interessante e logo partem”, completa a fundadora e presidenta da AMSK, Elisa.

O Orientalismo

“Nossa cultura é bastante patriarcal e paternalista, então não entendo de onde tiraram que a cigana é uma ‘mulher fácil’ ou lasciva. Acho que Victor Hugo perpetuou seu preconceito através da Esmeralda”, relata Tatiana.

A professora de dança, Tatiana Manouche, fala sobre a obra *O Corcunda de Notre Dame* publicada em 16 de março de 1831 pelo romancista, poeta e ex-senador francês Victor Hugo. Para ela, a origem da sexualização e deturpação das mulheres ciganas, começou a ser difundida por meio do escritor. Mas, a doutora Janaina Azevedo vai além, “pode ser que na literatura

ALÉM DA RODA

tenha sido o Hugo, mas existem cantigas da trova portuguesa que falam sobre a mulher cigana, desenhos de antes do quinhentismo que mostram a mulher cigana como alguém vulgar. E nota-se que é uma romani pelos objetos muito característicos da etnia na época”, diz.

Segui os conselhos de Eliane Brum¹⁰ e atravessei a rua de mim. Preocupada em não repetir estereótipos, perguntei a cada uma das entrevistadas se existia algo característico da romani, algo que pudesse identificá-las. “Dizem da força: ‘a mulher cigana precisa ser forte’. Mas acho que, no geral, como toda mulher, só queremos ser vistas como seres humanos, e não objetos de desejo”, diz Carla da Hora, coordenadora municipal do Instituto Cigano do Brasil (ICB).

“Existe uma dicotomia aqui no Brasil das pessoas estarem um pouco mais abertas e algumas até quererem ser ciganas, se intitularem ‘ciganas’. Tento sempre ter uma visão positiva e entender que isso é um progresso em relação aos países na Europa, mas também

10 Fala retirada do livro. Brum, E. O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, (2017).

Relatos ciganos-romani

é nocivo. Porque você não pode ser cigano, não existe nenhum ritual para se tornar cigano, você nasceu cigano, ou, assim como eu, descobre sua ascendência que vêm do nascimento”, diz Carla.

O escritor Edward W.Said¹¹ diz que o Ocidente tem uma cultura muito forte de *exotificar* o Oriente. Isso porque a Europa teve predominância cultural: narrativa, sociológica e política por anos. Um exemplo claro é o fato de a história dos nativos no Brasil ser contada pelo ponto de vista do colonizador, como se antes de 1500 não houvesse história. Assim como a cultura cigana, os povos indígenas são detentores de uma história oral. Mas, para os acadêmicos ocidentais a visão é essa: se não há registro, não há provas da história, então, cria-se uma narrativa.

Não existem documentos precisos sobre como ou onde a perseguição aos povos ciganos teve início. E tampouco o que foi a força motriz para tal ato. Porém, o que é diferente assusta, e isso faz parte do senso comum. As mulheres consideradas fora do padrão moral, religioso

11 Said, E. W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo (Sp): Companhia Das Letras (2007).

ALÉM DA RODA

e científico durante a idade média eram queimadas em praça pública. “Nós mulheres ciganas temos uma força ancestral. Não digo isso apenas de forma religiosa, digo como algo histórico. Usávamos ervas, essências, como forma de sobrevivência mesmo, uma sabedoria. Então, não tenho dúvidas de que muitas de nós fomos lançadas à fogueira”, diz Carla.

A partir de então, desse “começo de história”¹² medieval que a narrativa foi construída. Os detentores do conhecimento acharam razoável dar à mulher cigana uma espécie de arquétipo, para identificá-la — de forma racista, como em *O Corcunda de Notre Dame, La Lozana Andaluza*¹³ e as cantigas da trova portuguesa. Em épocas em que a misoginia¹⁴ era geral, a romani tinha algo ainda mais atrativo: a miscigenação.

*“Se a jovem era um ser humano,
uma fada ou um anjo foi algo*

12 Aqui me refiro à Idade Média, pois é o período da história geral que se inicia no século V, logo após a queda do Império Romano do Ocidente, e começam registros mais claros dos acontecimentos da História.

13 Delicado, F.; Bonneau, A. *La lozana Andaluza*. T. 2. [s.l.] Paris J. Liseux, 1888.

14 Ódio ou aversão às mulheres.

Relatos ciganos-romani

que Gringoire, por mais filósofo cético, por mais poeta irônico que se considerasse, não conseguiu decidir de imediato, de tanto que a deslumbrante visão o fascinou. Ela não era tão grande quanto a primeira impressão levava a crer por causa da fina cintura que afoitamente se retorcia. Era morena, mas podia-se imaginar que à luz do dia a pele devia ter o belo reflexo dourado das andaluzas romanas".
Victor Hugo, O corcunda de Notre Dame, 1831, p. 89

O apelo que Victor Hugo traz no livro é justamente de colocar a personagem cigana, Esmeralda, como uma mulher exótica, desobediente e lasciva. Que consegue até mesmo desvirtuar o imaginário de Claude Frollo, que é o ministro da justiça parisiense nomeado pela igreja e o grande vilão da narrativa. Todas as mulheres entrevistadas no decorrer do capítulo questionam esse arquétipo, colocando em xeque a visão do senso comum sobre a mulher cigana.

O que Hugo fez foi reafirmar o imaginário popular, e, através da leitura de sua literatura é possível entender o que E. W. Said quis dizer sobre o Orien-

ALÉM DA RODA

talismo: “O oriente era praticamente uma invenção europeia e fora desde a antiguidade um lugar de episódios romanescos, seres exóticos, lembranças e paisagens encantadas, experiências extraordinárias”. (Said, 2007, p. 27)

“Entenda, a fantasia da mulher cigana continua até hoje. E, nossa luta se torna ainda mais complicada quando pessoas literalmente fantasiadas se denominam ciganas”, discursa Da Hora. Carla é formada em comunicação e faz parte da coordenação do Instituto Cigano do Brasil, onde atua desmistificando preconceitos sobre a cultura e acolhendo famílias ciganas.

Em sua casa, no Rio de Janeiro, a comunicadora me conta, depois de alguns desencontros, que estava feliz em poder falar do projeto sem precisar defendê-lo. “De certa forma, sempre precisamos demonstrar às autoridades que o Instituto é algo sério. Porque quando falamos que estamos indo levar mantimento para os ciganos do acampamento, geralmente a resposta é debochada ou ficam com uma cara intrigada, desconfiada”, relata.

Carla me conta do projeto e do amparo que fazem principalmente a meninas ciganas, “algumas das famílias não têm

Relatos ciganos-romani

acesso, e continuam em acampamento, diferentes de mim e de muitas outras [ciganas] que escolheram a vida sedentária. O fato de estarem longe as afasta de escolas, UBS e, enfim, tudo que parece tão básico para nós não existe nos acampamentos — já que grande parte fica em regiões periféricas e isoladas”.

Meninas de 12 anos que ainda não foram alfabetizadas, senhoras que sentem falta de estarem arrumadas, vírus que afetou os quatro cantos do mundo também entrou no acampamento; essa é uma das realidades não mensurada por nenhum Órgão, mas relatada por Carla.

Durante a pandemia da Covid-19, que se instalou no Brasil de 2020 a meados de 2022, os romani dos acampamentos que viviam de artesanato não puderam sair para vendê-los. Além disso, aqueles que aguardavam ajuda do governo esperaram por um bom tempo. Foi assim que o Instituto Cigano do Brasil (ICB) se propôs a fornecer ajuda para a comunidade de dentro e fora dos acampamentos. O projeto continua até hoje com palestras, cursos profissionalizantes e ajuda com mantimentos básicos como comida e higiene pessoal.

ALÉM DA RODA



*Arquivo pessoal/ Acampamento em Arauá - Sergipe
“Nosso povo não será esquecido”, diz Carla ao me mostrar a
foto de um acampamento que visitou com cerca de 58 ciganos,
entre eles crianças e adolescentes.*

“Fui professora no SENAC e lembro de uma vez ir vestida com os trajes da etnia. Aquilo deixou alguns alunos chocados: a saia, as flores. Uma vez ouvi de um aluno: ‘professora, posso fazer uma pergunta?’, respondi que sim e ele continuou ‘como assim a senhora é cigana? Geralmente cigano não é inteligente’. Eu parei a minha matéria, pedi autorização para a coordenadora pedagógica, e falei um pouco sobre a comunidade cigana dentro da sala de aula,

Relatos ciganos-romani

mostrando que mulheres ciganas podem sim estudar. Muitas mulheres romani estudam, são inteligentes, são líderes. Muitas vezes, elas se escondem dentro da posição que têm, justamente pelo preconceito, assim como a Cecília Meirelles fez”, diz a comunicadora.



Foto por Malu Marinho

Da direita para a esquerda: Carla, Deusimar Oliveira e Michele Xavier. Foto tirada em um escritório do ICB no Rio de Janeiro após conversa com Carla, que diz ter aprendido a lidar com as frustrações da luta através dessas duas mulheres.

ALÉM DA RODA

Cecília escreve em seu poema Epigrama N°7, sobre sua raça, tornando-se a primeira mulher Rom com o título de Doutora Honoris Causa recebido pela Universidade de Délhi, na Índia, no ano de 1953. Em seus escritos, a poeta afirma que sua raça quer “passar”, em sentido que, apesar da polissemia, pode significar o “não esquecimento” que Carla comentou mostrando um de seus registros fotográficos.

*“A tua raça de aventura
Quis ter a terra, o céu, o mar.
Na minha, há uma delícia obscura
Em não querer, em não ganhar...
A tua raça quer partir,
Guerrear, sofrer, vencer, voltar,
A minha, não quer ir nem vir.
A minha raça quer passar”*
Cecília Meireles, De viagem, 1939,
p. 27

“Não é mais tão comum ver pessoas ciganas analfabetas, mas sabemos que ainda é uma realidade. E o que me entristece é ver que não existe uma assistência [social] para isso, para acolher uma criança que tem uma cultura, uma tradição diferente. Não existem dados mostrando quantas crianças Rom estão fora da escola, não se fala de cultura. O Censo não existe para nós”, revela.

Relatos ciganos-romani

Assim como Cecília, Tatiana, Antonella, Janaina e Carla são provas da mudança vinda de dentro da comunidade — que se transforma em uma mudança para fora também. Apesar do seu poema, e do reconhecimento de sua raça, Meireles pouco falava sobre ser cigana. O arquétipo já tinha sido impregnado no país, e contaminado dentro e fora da academia: cigano não é inteligente.

Essas mulheres, que tanto querem passar, lutam para recuperar as vozes queimadas. As romani, hoje, querem ocupar espaços e contar por conta própria sobre seu povo, sua etnia, suas diferenças que fazem parte dessa raça. Essas mulheres querem provar que a ideia da desobediência é uma construção, e que, na verdade, existe uma vontade de acolher outras meninas e mostrar que podem fazer diferente do que lhes foi mostrado como “tradição”.

“Dentro do Instituto cuidamos bastante de ciganos calons. Não temos dados, mas parece que os calons [de origem portuguesa] são maioria no Brasil (...) Uma vez, estava indo para um acampamento e me deparei com duas ciganinhas calon me pedindo biscoito. Aquilo me deu uma força de ajudar e mostrar para essas meninas que elas

ALÉM DA RODA

podem ser o que quiserem”, relata Carla.

De família portuguesa e origem Húngara, Carla da Hora é Rom. Ela conta que descobriu sobre sua etnia através de um despertar espiritual, e decidiu investigar sobre o passado dos seus avós. Foi então que revelaram que o avô era cigano, e não tinha identidade, “esconderam de mim”, relata.

“Em Portugal, aconteceu uma coisa terrível que foi a queimada, não inteiramente literal, de registros do povo cigano. Durante a ditadura do [Antonio de Oliveira] Salazar¹⁵ muitos Rom fugiram, e acabaram ficando sem documento”, diz.

Carla enfrentou as sombras da família que preferiu esconder as origens dos avós, e então percebeu que aquela seria sua luta até seu último suspiro, como ela mesma diz. Vemos com isso a batalha contra o preconceito que muitas vezes é repercutido dentro de uma roda familiar. Além disso, decidiu cultivar seu lado espiritual e fortalecer esse laço que, de acordo com a entrevistada, tem origem desde a infância.

15 Comunidade Cigana: 500 anos de discriminação. Disponível em: <https://setentaquatro.pt/noticia/comunidade-cigana-500-anos-de-discriminacao> .

Relatos ciganos-romani

É importante aqui não vincular o lado espiritual da entrevistada com o fato de ser cigana. Porque ainda existe um erro do senso comum associar a romani como Esmeralda, ou Carmencita.

A cigana Carmencita é uma figura folclórica. Uma entidade conhecida por ter sido uma romani nascida na Andaluzia, Espanha. Acredita-se que ela utilizava roupas coloridas de diversas formas, dançava flamenco e usava colares, anéis, pulseiras e brincos de ouro.

Carmen Domingue, nascida pouco depois da idade média, era considerada uma bruxa e vidente muito conhecida em sua época, ajudou muitas pessoas com seu baralho, realizando suas magias. E as pesquisas¹⁶ da área de Tarot e astrologia sobre ela mostram que: por ser muito bela, encantava e despertava diversos amores e era muito cortejada pelos rapazes. Mas a história conta que seu verdadeiro amor morreu ainda jovem, antes de se casarem. Por este motivo, nunca mais casou-se com alguém. “Essa reprodução de arquétipos vem da invisibilidade mesmo, do desconhe-

16 Quem foi a Cigana Carmencita: História, magia, oferendas e mais! Disponível em: <https://sonhoastral.com/articles/2245>

ALÉM DA RODA

cimento da cultura e até da ignorância que acaba aceitando tudo que é colocado. Quando você não conhece algo e alguém fala ‘é assim’, você pensa: okay, é assim, e não questiona”, diz Carla.

Mas afinal, onde está o Censo?

“Uma vez perguntamos, através do ICB, sobre a ausência dos ciganos no Censo e nos deram uma resposta um tanto mal-educada dizendo basicamente ‘quem são os ciganos? São os que vivem em acampamentos? São os que se consideram ciganos? É a religião?’, meio que algo assim. O e-mail foi tão longo que ainda estou terminando de ler, mas é só para você ter uma ideia de como há uma invisibilidade para nossa comunidade”, diz Carla.

A presidenta da AMSK, Elisa Costa, relata um certo descaso do Governo Federal, e diz que o IBGE é apenas um Órgão, que “obedece comandos”. “Como mudar o Censo? Mudando o governo. Há uma falsa ideia de representatividade por conta do dia 24 de maio, mas ele teve um apelo religioso, e não deveria ser. Se você olhar a ementa, só mostra que é uma comemoração dos povos ciganos e não necessariamente de Sara Khali”, revela.

Relatos ciganos-romani

“Quem está no governo não entende sobre a cultura e comunidade romani, e mesmo aqueles que se dizem representantes dos ciganos, fazem um desserviço com o povo, que é de doer em qualquer pessoa séria”, diz Elisa.

Aquele que se “diz representante dos ciganos” a quem Elisa se refere, é o senador Paulo Paim (PT-RS), do Distrito Federal. O político lançou no último semestre de 2022 um projeto de lei aprovado pelo Senado que torna obrigatória a coleta periódica de informações demográficas sobre os povos ciganos, para que sirvam de subsídios na elaboração de políticas públicas. Paim impõe ao Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial a organização e a articulação de políticas e serviços federais, para a defesa dos povos ciganos¹⁷.

As críticas de Elisa vêm ao fato de o senador ser maleável quanto à exposição da mídia à cultura dentro da comunidade. E, de acordo com a presidenta, isso coloca a luta pelas políticas públicas em um “grande circo”,

17 Fonte: Agência Câmara de Notícias/ Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/890777-proposta-do-senado-cria-o-estatuto-dos-povos-ciganos>

ALÉM DA RODA

onde a imprensa não entende o que são os povos Rom e o político não explica, “deixando repercutir o imaginário popular que novamente afeta principalmente as mulheres romani”, discursa.

A representante carioca é firme em dizer que “não se pode chamar de tradição se a gente fez a opção por estudar, por seguir em frente, trabalhar e viver do nosso trabalho, cada uma com a sua profissão. Eu por exemplo: sou professora aposentada do município do Rio de Janeiro. Então é não. Não fico, e não fiquei, e não me identificaria, e não me identifico, e me traz um constrangimento muito grande, toda vez que essa imagem, que a mulher cigana é uma mulher que lê mão, é repercutida. Porque é essa figura retratada pela mídia diversas vezes. Digo mídia televisiva, mídia jornalística, todas elas”, debate Elisabete Martinho.

Mas afinal, onde está o Censo? Se para eles a comunidade é muito pequena, a AMSK nos revela que são cerca de 800 mil ciganos no país. Se há uma contagem apenas voltada para os que vivem em acampamentos, os relatos escutados até agora não são de ciganos? Há sim uma falha da grande mídia em não denunciar este descaso e repetir erros, arquétipos e preconcei-

Relatos ciganos-romani

tos em nome dos pontos de audiência. Porém, a imprensa não é uma empresa, mais que tudo, ela busca a verdade e se opõe aos rótulos populares. O resto, parafrasando Millôr Fernandes, é apenas um armazém de secos de molhados.

A força ancestral

*“He nació pa bailaora y me
llaman en Jerez / la gitana em-
peraora / Tengo la cara mu mo-
rena porque así lo quiso Dios /
Soy de Jerez de la Frontera,/ y
esa es mi cuna flamenca tierra a
la que quiero yo”*¹⁸

Cuna Cañi, Lola Flores
(1990)

*“Oh meu cigano adorado,
Viver abraçada ao fado,
morrer abraçado a ti”*¹⁹

Rua do Capelão, Amália
Rodrigues (indefinido)

“Têm várias histórias que acabam tocando a gente principalmente quando é com mulheres. Porque, como eu

18 Escrita por Bolaños, Marcos y Villajos.

19 Escrita por Frederico de Freitas.

ALÉM DA RODA

disse, é uma cultura paternalista, patriarcal. Então, tem as suas questões ali, suas delicadezas, que muitas das vezes a gente não pode intervir. A gente vai entendendo da maneira que dá. Mas eu quero te contar uma história que me emocionou bastante, e que parece uma coisa muito simples. Mas que não é”, relata Carla da Hora.

A coordenadora Municipal do Instituto Cigano do Brasil (ICB) conta que foi visitar um acampamento rom em Resende, no Rio de Janeiro. Ali, se depa-rou com três senhoras, uma delas parecia ser a “baba” do acampamento, ou seja, a mais antiga. “Eu literalmente me despi para que elas pudessem se vestir e se sentir bem”, diz Carla.

Na ocasião, a coordenadora estava distribuindo pacotes de mantimentos, “era período de pandemia e as coisas estavam difíceis”. Então, singelamente uma senhora a abordou dizendo: “você pode me dar um pacote de açúcar e... pode também me dar sua rosa?” “Aquela coisa de que o idoso não faz mais parte da sociedade, sabe? Eu estava com uma flor no cabelo, e ela me disse que, por estar velha, as pessoas achavam que ela não queria mais se sentir bonita, ou que não precisaria estar bonita.

Relatos ciganos-romani

Acham que só comida basta, mas é muito mais que isso, é sobre dignidade”, fala.



Reprodução/Acervo Pessoal/Carla da Hora

A coordenadora do ICB publicou as fotos em suas redes sociais que estão privadas ao público mas disponibilizou para o livro — como uma forma de ilustrar seu trabalho. A foto foi tirada em dezembro de 2022, no Distrito de Tanguá, Rio de Janeiro.

ALÉM DA RODA

Como Tatiana Manouche, romani sinti, recorda: “a vestimenta não é uma característica de todas as etnias ciganas. A etnia sinti, por seu contato com a França e a Alemanha, teve muita influência do protestantismo. E, apesar de ainda terem uma cultura do uso de saias, não é algo tão forte como as ciganas andaluzas e portuguesas”, relata.

Na Andaluzia, a dança que se tornou referência espanhola é na verdade uma cultura *gitana*²⁰. O flamenco é um estilo de música e movimento que se tornou popular no Sul da Espanha, e em 2010 foi eleito Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO. A dança teve origem nos bairros pobres ciganos, e foi passando de geração em geração assim como a História de suas famílias.

Em decorrência da inquisição espanhola que os ciganos sofriam, além de todo o racismo da idade média, a música transmite emoções por todo corpo da artista, podendo sentir vibrações vindas de onde quer que ela (ou ele) esteja apresentando.

O poeta Federico García Lorca

20 “Cigana” em espanhol.

Relatos ciganos-romani

(1898-1936) define esse estilo como:

“O cante jondo aproxima-se do ritmo dos pássaros e da música natural do álamo preto e das ondas; é simples em velhice e estilo. É também um raro exemplo de canção primitiva, a mais antiga de toda a Europa”.

Poema do cante jondo (1931).

“Jondo” é uma forma de dança de dança e canto tipicamente cigana e andaluza. Uma forma reivindicada pelo poeta espanhol do século XX, García Lorca, e tido como um canto profundo, sincero, de tom grave e intensidade.

Essa força a partir da beleza é bastante representada pela cantora espanhola Lola Flores, também de origem cigana. Em seus álbuns: *Juerga Flamenca* (1961), *Homenaje* (1990), *La Faraona de España* (2015) e a coletânea *El legado de Lola Flores* (2016), a artista menciona sua raça de forma orgulhosa, fala das dores e comemora as conquistas, como a dança.

Nascida em 21 de janeiro de 1923, em San Miguel, província de Cádiz, em Jerez de la Frontera, Lola Flores foi uma das figuras mais queridas da Es-

ALÉM DA RODA

panha no século XX, uma cantora folclórica, bailarina e atriz, é uma forte representante da cultura espanhola. Sua ascendência cigana, apesar de sempre mencionada em suas músicas, foi revelada mais abertamente no programa espanhol *Lazos de Sangre* (2018)²¹. O programa apresenta a trajetória de famílias importante na Espanha, por meio de entrevistas e relatos dos membros.



Reprodução/Acervo RTV.es

21 Do espanhol: Laços de Sangue. Disponível em: <https://www.rtve.es/play/videos/lazos-de-sangre/lazos-sangre-saga-flores/4662738/>

Relatos ciganos-romani

Hoje, o flamenco foi popularizado e é representado em festivais por mulheres payos (não ciganas). Porém, sua origem cigana não se esconde, já que ela escorre pelo suor causado pela dança. E apesar de as mulheres romani serem diversas em suas vestimentas, elas têm a mesma origem, ou seja, um elo único que as une ao ponto de se chamarem de “primas”.

Quando se unem debatendo suas riquezas culturais a partir dos povos com os quais se misturaram, sejam eles portugueses, espanhóis, alemães ou franceses, há ali uma fortaleza pela beleza, pela união. As primas ciganas dizem não parar a luta enquanto todas não estiverem bem. “Enquanto tem uma sofrendo lá na Ucrânia, estaremos chorando aqui também. Porque essa é a nossa luta. Lutamos, como qualquer outra mulher, para que nossos corpos não sejam sexualizados. Queremos respeito e visibilidade”, destaca Tatiana.

“É como se remássemos contra a maré. São filmes e séries e tantas outras coisas que espalham o estereótipo da mulher cigana. E fico muito feliz por estar aqui com você e ser ouvida”, fala Carla.

“Eu quero sim ser reconhecida pela minha raça. Quero chegar e assinar

ALÉM DA RODA

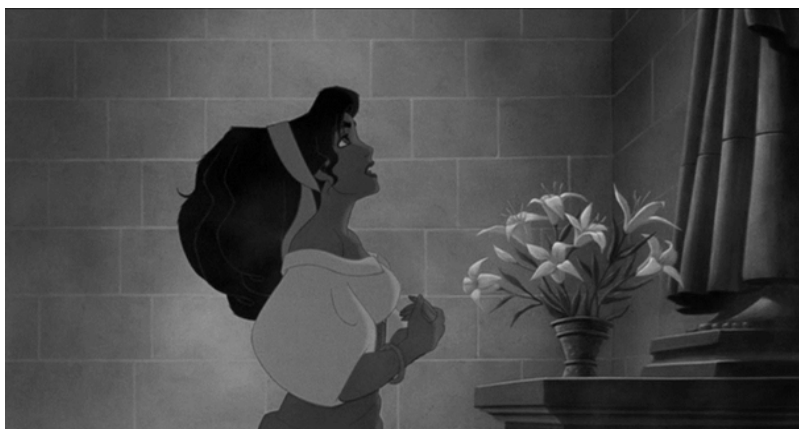
um papel e colocar lá: cigana. Quero ter essa visibilidade. Mas além disso, quero ser vista como alguém capaz e inteligente, e não como uma fantasia de carnaval”, diz Janaina.

As vozes se completam, sem se atrapalhar. Essas mulheres cresceram com uma raça, e isso as une. Os passos de uma dançarina de flamenco são calculados e firmes; cada presença do seu corpo faz parte da composição que, sem falas, conta uma história. Ao fim, descobri que o elo que as une é outro, não inteiramente a raça. O elo que as une é o suor.

CAPÍTULO 3

Fé, entidades e superstição

ALÉM DA RODA



Reprodução/O Corcunda de Notre Dame/Disney 1996

*"I don't know if you can hear me
Or if you're even there
I don't know if you would listen
To a gypsy's prayer
Yes, I know I'm just an outcast
I shouldn't speak to you
But, still, I see your face and wonder
Were you once an outcast too?"*

*"Não sei se me escuta
Ou se realmente está aí
Não sei se ouviria a oração de uma cigana
Eu sei que sou uma forasteira
Não deveria falar contigo
Mas olhando Teu rosto me pergunto:
Você também não foi uma forasteira?"¹
Salve os Proscritos, O Corcunda de Notre
Dame (1996)*

1 Tradução livre.

Relatos ciganos-romani

Na França do século XVII, a predominância católica mantinha sua reverência característica fazendo com que a população evitasse violências e injustiças dentro da igreja. Na adaptação cinematográfica de *O Corcunda de Notre Dame*, de Victor Hugo, realizada pelos estúdios Disney, em 1996, a personagem Esmeralda se esconde na catedral e faz uma prece à Santa, promovendo um sincretismo muito característico do século e do país.

Apesar dos pontos delicados na obra de Hugo referente a cultura cigana, a conexão de Esmeralda — personagem tida como uma figura pagã na literatura e no cinema — com a entidade católica Notre Dame demonstra o que foi surgindo com o tempo na França real: o cristianismo entre o povo cigano.

Mais da metade do povo cigano hoje segue a religião cristã², e essa cultura veio não apenas no século XVII, como também de períodos posteriores. “Os ciganos no Brasil, têm uma origem na Europa. Com isso, já dá para concluir que somos maioria católica”, diz Renato Ivanovich, conhecido como Pastor Pepito.

2 Fonseca, Isabel. Enterrem-me em pé: A longa viagem dos ciganos. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. p. 100-106.

ALÉM DA RODA

Apesar de ser de família kalderash católica, vindos da Rússia, Pepito lidera a Igreja Romani do Brasil, em Campinas, que é evangélica: “Assim como a onda do Protestantismo surgiu no Brasil nos anos 90, eu me converti no final dessa década.”

O termo “protestante” é usado para descrever pessoas que seguem as denominações vinda da Reforma Protestante, feita por Lutero na Alemanha, e por Calvino na França. Este movimento ocorrido há mais de 500 anos que deu origem ao principal desdobramento da Igreja Católica. Os primeiros protestantes chegados ao Brasil não eram pentecostais, mas sim anglicanos, luteranos, batistas e de outras denominações, e se dirigiam principalmente aos setores mais bem posicionados na vida social.

No início do século XX, começou um forte movimento pentecostal em terras brasileiras, formando então as igrejas Assembleia de Deus e da Congregação Cristã do Brasil. Até 1808, a religião matriz no Brasil era a católica, devido influência da colonização, e dos colonizadores, como mencionada pelo pastor Pepito.

Então, nos anos de 1990, a onda dos evangélicos se popularizou no país levando muitos, como

Relatos ciganos-romani

Renato, a se convertem a religião.

Toda a conversa aconteceu por telefone, e com a voz tipicamente empostada de alguém que está acostumado a falar com um grande público, Renato informa que todos os cultos dentro da igreja que lidera acontecem em Rom. “Até chegam visitantes gad-jós, mas são raros, porque os louvores e a pregação³ é toda em rom”, diz.

Renato conta que seu encontro com a religião se deu depois do que considera um milagre. Após ter se despertado em uma enorme vontade de ser pai, “me encontrei com Cristo depois de saber que não poderia ser pai. Em uma conversa muito íntima, prometi que o seguiria se Ele me desse uma filha. Hoje tenho três filhas de sangue e estou muito feliz, todas seguem ao Senhor”, diz o pastor.

3 Também conhecido como “sermão”, no cristianismo, a palavra significa o ato de divulgar, explanar sobre a Bíblia ou dogmas do Evangelho Cristão.

ALÉM DA RODA



Acervo Pessoal/ Renato Ianovich

Família do Pastor Pepito, que está de chapéu ao fundo. Contando a partir dele, sua esposa e filha na frente, e suas outras duas filhas, junto com sua neta ao lado. No fundo, membros da igreja e da família.

São Paulo, 15 de agosto de 2023

Pedro Ivo Dias Secco se ajeita em frente ao Congá ⁴, em sua casa no Brooklin. “Se quiser gravar não tem problema”, diz o professor e mestre em educação pela Universidade de Málaga (UMA). De origem calé, da Espanha, Ivo conta que passou boa parte da sua adolescência ouvindo histórias da origem do avô, que esconde suas raízes de terceiros, mas nunca havia ouvido nada sobre a avó. “Ela morreu escondendo que era cigana, nem mesmo eu sabia disso”, revela.



Acervo Pessoal/ Ivo Dias

Amuleto feito a mão pelo professor, que contém a roda cigana, um anel de sua avó, e a Santa Sara como patuá e uma figa.

4 Congá ou Gongá é uma palavra de origem africana utilizada na Umbanda Sagrada para denominar o altar onde ficam as imagens dos santos e/ou entidades.

ALÉM DA RODA

Depois de descobrir que ambos os avós eram ciganos — sua avó de origem Rom em Portugal e seu avó Calé na Espanha — o professor decidiu ir atrás de mais informações sobre seu povo. E, seu primeiro contato com um familiar foi através de uma entidade: o Juan.

“Eu era budista, mas quando decidi entrar para a umbanda, fiquei um ano apenas na assistência, frequentando. Depois desse um ano, mais ou menos, eu fui atrás de desenvolver minha mediunidade, e minha primeira incorporação foi do Juan”, revela Ivo.

O professor relata que a experiência se deu em uma gira cigana⁵, “eles estavam fazendo uma roda em torno de uma mandala, então eu fechei o olho, abaixei a cabeça e eu parei de enxergar aquela cena e passei a enxergar ciganos em volta de uma fogueira, e meu rosto sorriu na hora. Depois de muito tempo, desenvolvendo e incorporando, o Juan falou que era ele naquela primeira incorporação, e disse que tinha me levado para um momento

5 Reunião religiosa da Umbanda, que consiste no agrupamento de entidades (espíritos) que se manifestam através da incorporação nos médiuns presentes.

em Tarifa, uma cidade da Andaluzia”.

A Umbanda Sagrada, seguida por Ivo Dias, é uma religião monoteísta e afro-brasileira, surgida em 1908, fundada por Zélio Fernandino de Moraes. Baseia-se em três 3 conceitos fundamentais: Luz, Caridade e Amor. A palavra “umbanda” pertence ao vocabulário quimbundo, de Angola, e quer dizer “arte de curar”. “A Umbanda meio que se apropriou da cultura cigana, e por isso hoje existem as giras ciganas. Por ser uma religião brasileira, fundada no Brasil propriamente, ela acolheu crenças que eram excluídas por outras religiões, como o povo cigano por exemplo”, explica Dias Secco.

Quando faz referência aos “excluídos”, Dias menciona as entidades muito característica da umbanda, que são os Pretos e Pretas Velhos. Isso porque, de acordo com o mestre. Segundo o mestre, esses espíritos se manifestam de uma maneira arquetípica como ancestrais escravizados, para que os seguidores da religião visualizem e compreendam melhor o que é aquela entidade. Dessa maneira, não necessariamente aquele espírito será um africano idoso; isto, na verdade, é a forma como ele [entidade] se apresenta.

Sem menções acadêmicas que ex-

ALÉM DA RODA

pliquem o que a umbanda pontua como “mistério”, Ivo relata que alguns dos descendentes dos ciganos vindos da Europa, se converteram à religião brasileira. Esses descendentes, ao desenvolverem sua espiritualidade, podem receber entidades ancestrais ciganas. Neste caso, segundo Ivo, diferente do exemplo dos espíritos de Pretos e Pretas Velhos, os ciganos não são manifestações arquetípicas, mas sim, entidades de ciganos que o eram quando estavam encarnados.

Assim como Ivo, a doutora em tecnologia e comunicação, Janaina Azevedo, conta que seu processo foi através de uma retomada familiar, de uma busca dos antepassados. “Assim como muitas famílias que sobreviveram à ditadura do Salazar, em Portugal, minha família foi uma que quis esconder o sangue. Consequentemente minha mãe, assim como minha vó, tem uma mediunidade, que também escondia. Mas o meu processo, ele foi de berço quase. Eu não me converti, fui criada dentro da religião [umbandista], e as manifestações começaram quando eu tinha uns nove anos de idade”, relata a doutora.

Janaina diz que a experiência aconteceu quando estava dormindo, levantou ainda sonolenta e foi direto pegar o

Relatos ciganos-romani

baralho cigano onde a avó o guardava. Mas apenas a avó sabia onde estava. Sem muito hesitar, se encontrou com a mãe e a avó, que conversavam na cozinha, e começou a falar relatos de 50 anos atrás, que somente a avó tinha conhecimento.

“Eu acabei carregando dois caminhos juntos, tanto que eu não misturo as coisas. Por mais que eu trabalhe com espíritos mentores ciganos, eles são cuidados como tal e têm manifestação mediúnica dentro das crenças que eu aprendi com a minha avó”, diz Janaina, explicando como separa os cultos de sua etnia e da religião umbandista.

O livro *Os Ciganos na Umbanda*, escrito por Alberto Marsicano e Lurdes de Campos Vieira, menciona que, assim como nas demais linhas, os ciganos dentro da religião também estão em um plano astral. “Na umbanda, é uma linha especial, pois é um mistério em si mesma, com seus rituais e fundamentos adaptados a ela” (p.43).

“Às vezes parece um embate o fato de você ser da etnia, da raça cigana, e pertencer à umbanda. Muitas vezes me questionei e levei bronca de entidade, porque as pessoas banalizam a espiritualidade, isso é um fato, se vestem

ALÉM DA RODA

com o que acham que é cigano e fazem giras ciganas sem nem saber que estão falando de uma etnia”, diz Janaina.

A comunidade cigana, apesar de ser dividida nos clãs com suas etnias, como os Kalderashs, Sinti, Calé, Calon, possui uma união muito própria que os faz se identificar como “primos”. Como uma forma também de se proteger do preconceito vindo dos gádjos, a cultura tem essa fortaleza de união — ao menos dentro do próprio clã — e isso se reflete na espiritualidade, seja ela qual for.

“Entendemos que enquanto houver um passando fome, todos nós estamos. E nos ajudamos, somos uma igreja, como diz em Atos⁶ mesmo, somos irmãos”, diz Renato Ianovich, pastor Pepito. Apesar das distintas forças de crença, a cultura cigana acompanha mesmo um imaginário repleto de misticismo.

Em produções artísticas, a mulher romani aparece constantemente como uma figura pagã, como Esmeralda. Mas, assim como é sabido que tudo

6 O pastor faz menção a passagem bíblica do novo testamento no livro de Atos, capítulo 2: “a igreja primitiva se via mais como uma família que uma instituição. Seus membros repartiam seus bens e gostavam de se reunir”.

Relatos ciganos-romani

que é sólido desmancha no ar⁷, essa é mais uma das ideias provindas do senso comum. E nem sempre, nem todas, nem todos, partem do que é místico.

Tradição ou inspiração?

A cigana leu o meu destino
Eu sonhei
Bola de cristal
Jogo de búzios, cartomante
O Amanhã, Simone (1983)

A fé é confiança em algo que nem sempre se vê, mas se espera. Trazer a jornada dos antepassados, em um contexto de comunidade cigana, é também falar de crença e tradição. Seja pela continuidade ou não daquela fé que está enraizada na família de cada um.

“Como a gente tem uma cultura oral muito antiga e que precisou se adaptar a diferentes lugares no mundo, — os ciganos que foram aos Bálcãs tiveram que se adaptar a uma realidade, a minha família quando chegou na Espanha teve que se adaptar a uma outra realidade — a gente precisou se integrar a situações,

7 Menção ao livro do filósofo estadunidense Marshall Berman.

e muito do que era originalmente religioso pode ter se tornado ‘tradição’. Por exemplo, até mesmo a tradição de casar cedo, talvez tenha vindo de algo religioso que se tornou tradição com o passar dos anos”, diz o professor Ivo Dias.

Muitos ciganos vieram para o Brasil, fugidos de um regime racista em Portugal desde a época de Dom João. A partir do século XIX, o Estado deixou de colocar a questão da expulsão dos ciganos⁸, passando a considerá-los cidadãos portugueses, embora quisessem impor normas europeias a um povo que teve origem na Índia, que seguia com vida nômade e falava o próprio dialeto.

Falar da cultura europeia, primordialmente a portuguesa, é introduzir também a questão cigana — já que a etnia teve origem na Índia e migrou para Europa, e fugidos do continente, vieram para o Brasil.

Questionados, os entrevistados dizem não conseguir explicar, racionalmente, a origem exata e claro dos ciganos na umbanda, já que não há registros que

8 Disponível em: <https://jornal.usp.br/especial/revista-usp-117-a-construcao-das-identidades-ciganas-no-brasil/>

comprovem o primeiro ou primeira convertida, e que mencionem a sequência de desenvolvimento espiritual, “isso já fica em outro plano”, diz Janaina Azevedo.

E quando as explicações de um conhecimento saem do campo acadêmico, ou de escritos documentados, ela entra no âmbito da fé, que nem sempre faz sentido para aquele que esteja olhando de fora da crença.

Ciganos de sangue na umbanda

“Existe uma falha dentro da religião [umbanda], das pessoas incorporarem e falarem ‘eu sou o cigano da sorte’, o que é isso? Não. Falar de cigano é falar de ancestralidade”, relata Janaina Azevedo.

A doutora revela que se posiciona sobre isso não apenas pessoalmente como também nas redes sociais. Em sua página do Instagram⁹, Janaina confronta aqueles que se dizem ciganos por fazer parte da umbanda, ou de outras vertentes de religiões de matriz africana. “Pensa comigo, você gostar de *do-*

9 Página do Instagram @aciganajanaina, disponível em:
<https://instagram.com/aciganajanaina>

ALÉM DA RODA

*rama*¹⁰ não te faz coreano, certo? É a mesma lógica. Eu posso ensinar o baralho cigano a um gadjó, assim como essa pessoa pode incorporar um espírito cigano, mas isso não a faz cigana, e quando se trata de ancestralidade, a carga espiritual é ainda mais forte”, conta.

“Quando um cigano de sangue se manifesta sobre o assunto, sempre vem um não-cigano contestar. Isso por quê? Porque quando expomos nossas verdadeiras tradições, aqueles que usam nosso nome para dar golpe não conseguem mais seguir”, explica Janaina.

A doutora cita o que considera um charlatanismo frequente: os gádjos que usam a etnia para “fazer feitiços”, ou até mesmo que se passam por cigano. Mas, conta que apesar das pedras no caminho, e da dificuldade que tem para que essas informações cheguem às pessoas, para a entrevistada existe uma beleza em poder se aprofundar na sua ancestralidade quando se é cigano de sangue.

“A leitura das mãos é um dom das mulheres romani, mas para isso é pre-

10 É a designação dada aos dramas televisivos em língua japonesa, coreana, chinesa ou tailandesa, realizados pela televisão de cada país.

Relatos ciganos-romani

ciso que se siga uma religião ou uma espiritualidade que a aprofunde nessa ancestralidade. Se você pegar, por exemplo, uma romani luterana, uma protestante, ela não vai ler sua mão, porque ela não segue aquela espiritualidade, a fé dela é outra, que também parte de muitos anos. É como pensar em uma mulher negra no Brasil, ela pode ser da umbanda, do candomblé, como também da Assembleia de Deus ou de qualquer vertente evangélica. Isso não é um impedimento ou desrespeito, são caminhos espirituais”, diz Carla da Hora, coordenadora do Instituto Cigano do Brasil (ICB).

A Quiromancia, crença em leitura da mão ativa, é feita através da leitura de traços que com a situação presente é capaz de identificar às possibilidades do futuro. Para a cultura cigana, que segue o misticismo, este é um dom dado apenas para as mulheres. Visto como uma virtude e uma responsabilidade entre os romanis adeptos.

Apesar de Carla frequentar terreiros de umbanda, hoje se identifica com a religião e também segue a Bruxaria Natural¹¹, e também tem contato com

11 Não é considerada uma religião e sim um estilo e filoso-

ALÉM DA RODA

suas entidades de raízes ancestrais. Praticante da quiromancia e da leitura cartas no tarot, Carla se considera uma pessoa espiritualizada, e já esteve em muitos cultos que trazem consigo essa relação ancestral, “eu sempre precisei dessa ligação”, explica, “desde criança eu sinto muito, pego dores de outras pessoas, e encontro refúgio nos espíritos ancestrais”, diz Carla. A entrevista explica que sua espiritualidade não partiu diretamente de sua origem rom, mas sim com relação de encontro que teve dentro de cada seguimento, principalmente nas religiões de matriz africana.

“Existe a crença e existe a etnia, sim. Existe o que chamam de ‘maldição cigana’? Pode até existir, mas crente também pode amaldiçoar, porque na verdade, isso é a união de pensamentos, de convicções. E eu acredito sim que essa forma forte de pensamento era usada pelas nossas ancestrais, como forma de proteção, era a única arma que tinham”, diz Carla.

Os caminhos são muitos, como dito por Carla, e as visões são diferentes.

fia de vida, onde se busca o equilíbrio, o bem-estar e o autoco-nhecimento através dos elementos da Natureza, essencialmente a terra.

Relatos ciganos-romani

Assim como as religiões. Uma das falácias, não apenas midiáticas como do senso comum, é ouvir a palavra “cigano” e já pensar “pode ler minha mão?”, e continua, “quando na verdade, estamos falando de uma raça, que se diverge em muitos pensamentos, e essa fala pode ser desrespeitosa para uma romani luterana, calvinista, uma romani protestante”, diz a comunicadora Carla da Hora.

A questão religiosa é tão intrínseca à figura do romani, que se relaciona a essa figura alguém que pode lançar maldições. Um pensamento sorrateiramente medieval, principalmente quando relacionado à figura da mulher, quando na verdade, pode se tratar de uma união espiritual, mencionada por Carla.

Carla relata uma força ancestral, assim como Janaina e Pedro, que decidiram seguir a umbanda como fé. A questão religiosa é tão intrínseca à figura do romani, que se relaciona a essa figura alguém que pode lançar maldições. Um pensamento sorrateiramente medieval, principalmente quando relacionado à figura da mulher, quando na verdade, pode se tratar de uma união espiritual, mencionada por Carla.

“Já ouvi pessoas vindo me contar

ALÉM DA RODA

que quando incorporam um espírito cigano se sentem fortes, principalmente mulheres, falam que se sentem poderosas. E claro, pode até ser, eu acredito nisso, mas também é uma visão em que o espiritual se mistura com o que é midiático, com o que as pessoas pensam que faz parte do ser cigano”, comenta Carla.

A escritora Cristina da Costa Pereira, que há trinta anos estuda a etnia cigana, descreve em sua tese os aspectos da religiosidade que os ciganos adotam da sociedade. Mas também destaca crenças, rituais e cultos inerentes a este povo. Exemplos são: a slava (cerimônias religiosas), a pomana (culto aos antepassados), mamiori, o culto a Santa Sara Khali.



Imagem/Santuário de Sara Khali/Ilustração

Quem foi Sara Khali?

A comunidade cigana acredita que Sara Khali tenha sido uma seguidora de Jesus Cristo junto com Maria Salomé, Maria Jacobina e Maria Madalena. Sua história e seu relato nunca foram escritos, porque, assim como a cultura cigana, a jornada da Santa é passada de geração a geração.

Desde 2020 existe no Brasil um Santuário para Sara Khali, localizado em Pouso Alegre, sul de Minas. Em entrevista ao Portal G1, o representante do santuário, Marco Sartori, afirmou que o local recebe os devotos de todos os credos e religiões, para meditar, orar, pedir e agradecer.

A história de Sara é incerta, uma vez que não há registros. Alguns relatam que ela teria auxiliado Maria durante o nascimento de Jesus. Outros também dizem que Sara estaria presente na crucificação de Jesus, embora biblicamente a figura não seja mencionada por nenhum dos discípulos. O professor Ivo Dias também relata uma versão em que Sara seria identificada como serva de Sant'Ana, mãe da Virgem Maria.

Com o início da perseguição aos cristãos no território de Israel, conta-

ALÉM DA RODA

-se que Sara foi deportada do país juntamente com Maria Madalena, Maria de Cleófas, Maria Salomé e os irmãos Marta, Maria e Lázaro de Betânia, e um cristão de nome Maximino. A tradição relata que eles foram lançados no Mar Mediterrâneo numa embarcação sem remo que chegou onde hoje seria a cidade francesa Saintes-Maries-de-la-Mer.

Conta-se que o grupo, temendo um naufrágio, pôs-se em oração. Sara, por sua vez, havia de ter feito uma promessa de que, se conseguissem desembarcar sem que houvesse mortes, teria ela que se cobrir com um véu em forma de agradecimento.

“A Sara Khali é muito mais que um símbolo católico ou cristão, acreditamos que a Santa tenha origem cigana o que a tornou padroeira do povo. Ela também é um símbolo de força, e mesmo eu não sendo católica, seguindo outra espiritualidade, sou devota de Sara”, diz Carla da Hora.

Escrever um capítulo sobre espiritualidade, envolve pilares bem mais profundos. É pensar que em 2021, as notificações de violência contra religiões de matriz africana cresceram acima de

Relatos ciganos-romani

270%, chegando a 244 casos¹². É também entender que quando algum romani se declara cristão, sua etnia é desvalidada — por aqueles que não conhecem a cultura.

“Eu sou cristão, não posso dizer que sofro preconceito, não sofro. Vou nos lugares e me cumprimentam ‘Oi, pastor’. Mas nisso eu posso dizer que a mídia complica nossa vida, coloca em programas uma pessoa que se diz cigano, depois revela que na verdade a pessoa recebe uma entidade cigana, e que pode nem ser um fato. Além das novelas, que são muitas vezes bases de conhecimento entre um cidadão médio no Brasil. Então, cria-se uma ideia de que todo romani tem que seguir o misticismo, e eu sigo a Jesus Cristo” diz pastor Pepito.

12 Dados atualizados em janeiro de 2023, pela Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/tags/dados>

ALÉM DA RODA



Acervo Pessoal/Renato Ianovich
Pastor Pepito junto a sua esposa no final do culto, na igreja
Romani do Brasil, em Campinas

Relatos ciganos-romani

“Meu avô não é cristão, mas tem um quadro de Jesus e se benze todos os dias. Ele é andaluz, e claro que é um exagero dizer que todo espanhol é católico, mas é basicamente isso. Crescemos acompanhados desses dogmas, e com tradições que foram passadas como sendo ciganas, como o tacho de cobre. Às vezes essas tradições tiveram a ver com alguma questão religiosa que se perdeu na história, dada a nossa cultura ágrafa e a mistura com os povos dos lugares onde nos assentamos”, diz Ivo Dias.

O relato tradicional do professor sobre os tachos de cobre é explicado, por ele, como uma das formas de sobrevivência do povo cigano. Alguns clãs se dedicaram à confecção de tachos desse material para vendê-los, e a escolha do cobre seria pelo fato de ser um elemento místico de conexão com o plano espiritual.

Uma questão que pode ser levantada, genuinamente, é a relação com a origem indiana, se não teria havido uma religião original, provavelmente uma forma de politeísmo hindu vindo da “comunidade original”. Se os romani vieram da Índia, como as pesquisas mais recentes atestam, eles não levaram consigo a religião tradicional indiana, como seria de se esperar, porque houve uma

ALÉM DA RODA

mistura entre esses povos, e quando há mistura, surge uma nova cultura.

É provável que essa origem vinda da Índia tenha carregado consigo o masdeísmo (antiga religião duoteísta persa)¹³, que era a religião dominante. Isso, sem dúvida, explicaria a presença de duas figuras divinas, em especial, no conjunto das crenças romani – *Del* ou *Du-vel* e *Beng*. O primeiro, uma divindade criadora, associada a tudo o que é bom e justo. O segundo, por oposição, relacionado ao mal e à corrupção, ilustrando uma concepção cosmo-religiosa muito próxima à da filosofia masdáica.

Apesar disso, as sociedades sempre criaram uma forma de maniqueísmo em que se basear. E o masdeísmo, por sua vez, influenciou historicamente as raízes do cristianismo católico. As similaridades entre as duas religiões, decorrentes dessa troca de influências, sem dúvida pode ter facilitado a aceitação romani quando estes se depararam com o catolicismo sob a bandeira do Império Bizantino. Fato é que quando chegaram à Europa, em fins do sécu-

13 Fonseca, Isabel. Enterrem-me em pé: A longa viagem dos ciganos. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. p. 167-174.

Relatos ciganos-romani

lo XIV, os romani já se diziam cristãos¹⁴.

“Os membros da nossa igreja são todos romani, isso porque, como te falei, todo culto é feito na nossa língua então fica difícil para um gad-jó acompanhar. E a grande maioria dos ciganos que eu conheço se declaram cristãos”, comenta pastor Pepito.

Já na umbanda, os ciganos também frequentam giras, mas se posicionam em um embate dentro da religião. “Tem uma crítica que muitos ciganos de sangue fazem à religião [umbanda], que é essa questão de lidar com entidades. Então, por exemplo, não faz o menor sentido se você nunca teve contato com cigano, de repente, surgir uma cigana Carmencita no teu caminho. Bem, o que precisam entender é que não basta colocar uma saia de cetim e se dizer cigano. Cigano não se acha cigano, não se batiza cigano, não se inicia cigano”, diz a doutora Janaina Azevedo.

Na Bíblia, o Velho Testamento conecta Deus a elementos da natureza, já que a figura é onipotente, onipresente e

14 Disponível em: <https://caminhosciganos.org/nao-existe-religiao-cigana/>

ALÉM DA RODA

onisciente. Em passagens como no livro do profeta Jonas, ou nas histórias de Moisés, Deus é mostrado com os milagres através das águas, do vento, do fogo e do ar. Na umbanda Sagrada, as quatro potências também estão presentes, manifestadas através dos guias, com sete principais elos, que podem ser representados através de figuras ou de pedras.

No seguimento da Bruxaria Natural, filosofia que envolve o Sagrado Feminino e a essência da espiritualidade, os elementos da natureza são os objetos principais da crença. Assim como em tantas outras religiões.

E para o povo cigano, segundo as experiências com os relatos presentes, os elementos naturais também têm bastante importante, sobretudo seja o vento. Porque ele quem gira a roda, mudando as estações. Os entrevistados são transparentes em suas declarações, histórias, relatos, que reiteram cada vez mais o que Cecília Meireles, quis dizer com “minha raça quer passar”.

A profundidade de uma crença não é restringida pela raça, porque a fé, apesar de coletiva, é muito singular. Existem diversas maneiras de alcançar a espiritualidade, e até mesmo quem não

Relatos ciganos-romani

crê em nada está proferindo uma fé.

Os olhares estarão sempre voltados aos nichos inventados pela mídia, e não questionados pela população. Mas existe algo mais bonito do que seguir o que acredita? Diante dos relatos presentes, existem muitas possibilidades de crença dentro do povo cigano, professando diferentes religiões, seguindo o que acredita de maneira livre. Pois, não existe uma religião cigana, e sim ciganos dentro de uma religião.

Os calos ditos pelos entrevistados são cansativos, “mas se acreditam que a gente, ainda hoje, anda de carroça por aí, deixem levar essa carroça e atropelar todo mundo”, brinca Janaina Azevedo.

Hoje, durante o processo de escrita e apuração deste livro, a Constituição de 1988 protege os direitos individuais de culto, e defende o Estado laico. Garantir a liberdade de crença e consciência no Brasil é garantir a pluralidade em um país composto por povos das mais diversas origens e, portanto, com etnias, culturas, tradições, folclores, credos e religiões diferentes — e por vezes, desconhecida.

ALÉM DA RODA



Ilustração/Santa Sara Khali/Banco de imagens

CAPÍTULO FINAL

Lendas e(m) canções

ALÉM DA RODA

O idioma rom é principalmente oral, como descrito ao longo do presente trabalho, e, por isso, há pouca tradição escrita na cultura romani. A comunidade e suas tradições foram transmitidas oralmente, através de recursos criativos como: contos, fábulas e músicas folclóricas. Foi só no final do século XX que autores ciganos de diferentes países começaram a escrever sua literatura em diferentes línguas e dialetos, usando diferentes sistemas de escrita¹.

Durante a escuta dos relatos, houve um consenso quanto a algo que era unânime entre os clãs romani: a música e histórias. Segundo os entrevistados, há uma ligação trivial da comunidade cigana com a expressividade. Enquanto alguns, sim, se expressam através das roupas e relatos, outros, por sua vez, se expressam através da dança ou do canto. Esses dois mecanismos nada mais são do que formas de escrever sua própria literatura. Por isso, encerro como comecei: com arte — na literatura e na música.

1 Patrícia, M; Goldfarb, L; Toyansk, M. CIGANOS olhares e perspectivas. [s.l: s.n.]. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/download/341/506/2947-1?inline=1>.

O fado da Severa

*Chorai, fadistas, chorai!
Que a Severa já morreu
Fadistas como a Severa
Nunca o fado conheceu.
(...)
Já nesse reino celeste
Com tua banza na mão
Farás dos anjos fadista,
Porás tudo em confusão.
Até o próprio São Pedro
À porta do céu sentado,
Ao ver entrar a Severa,
Bateu e cantou o fado.
Fado Menor, Sousa do Casacão
(1848)*

O fado é de natureza portuguesa, é um símbolo do país e da cultura lusitana. E um dos seus maiores expoentes foi Maria Severa, uma fadista nascida em 26 de julho de 1820 na Rua da Madragoa, no bairro da Mouraria, em Lisboa. Tornou-se uma das maiores cantoras do gênero, e não sendo apenas “uma fadista”, mas sim a mãe do fado. Seu talento e sua beleza foram atribuídos à ascendência cigana, e o seu cantar expressivo conquistou os boêmios da capital Lisboa. Porém, o mais interessante dessa história é que Severa é uma lenda, não só dessas que ultrapassam gerações,

mas uma lenda mítica. Os locais do seu nascimento e morte, embora devidamente assinalados com uma lápide, elaborada com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa², não são comprováveis, bem como as histórias sobre sua vida. Segundo as convenções³, seu pai era de etnia cigana, natural de Santarém e sua mãe de Ponte de Sor que, como outros pescadores da região, migraram para Lisboa.

Conta-se que a jovem era uma célebre cantora que percorria os bairros populares de Lisboa, e a sua voz estava presente em muitas noites; tabernas e bairros ficaram famosos só pela sua presença. Teve vários amantes conhecidos, entre eles o Conde de Vimioso que, segundo a lenda, era enfeitiçado pela forma como Severa cantava e tocava guitarra.

Por causa deste contato que tinha com o conde, Severa pôde fazer apresentações em festas aristocráticas, como descrito no relato de Miguel Que-

2 Almeida, Amaro (1945), De Que Morreu a Severa, in “Olissipo”, Ano VIII, N.º 30, pp.100-107, Lisboa.

3 História encontrada no acervo digital do Museu do Fado. Disponível em: <https://www.museudofado.pt/fado/personalidade/severa>

Relatos ciganos-romani

riol no jornal “O Popular”⁴, em que relata a apresentação de Severa no Palácio do Conde. Sua estória (e história), pode ser encontrada no Museu do Fado, em Lisboa, na famosa Alfama. Mas, não há registros da voz de Severa, e toda construção mítica em cima da figura faz alguns estudiosos acreditarem que a cantora seria apenas uma lenda fadista.



Imagem/Ilustração/Museu do Fado

Gypsy Jazz de Django Reinhardt

Como a vida da Severa, a história cigana é acompanhada de lendas, justamente pela ausência de registros documentados, mas uma certa visibilidade documentada dos romani começou a se desenhar com a criação da Gypsy Lore Society⁵, em 1888 na Inglaterra, que além de ser uma pioneira tentativa de unificação dos estudos sobre os ciganos, estimulava pesquisas que envolvessem diversas áreas do conhecimento, na tentativa de identificar uma origem comum para esses grupos.

E com o jornal dessa comunidade inglesa, tornaram-se conhecidos artistas como Django Reinhardt, conhecido por ser pioneiro do Gypsy Jazz, que em tradução literal é: Jazz Cigano. O Gypsy Jazz ou Jazz Manouche — também conhecido como Romani swing — é um estilo de música que surgiu na Europa nos anos de 1930, com base na música cigana, argentina e, claro, no jazz americano. Os grupos de Jazz Manouche

5 Instituição ainda em funcionamento e responsável pela edição de publicação de diversos livros, revistas, jornais sobre os ciganos no mundo. É uma associação internacional que se reúne anualmente e pode ser encontrada na internet, disponível em: <http://www.gypsyloresociety.org/>.

Relatos ciganos-romani

consistiam numa guitarra solo, violino, duas guitarras ritmo e contrabaixo. “As guitarras rítmicas forneciam um ritmo percussivo chamado *la pompe* (a bomba) que, em conjunto com os contrabaixos fortemente sincopados, tornavam desnecessária uma seção de percussão”, diz Tatiane Manouche, professora de dança.

Solos improvisados de guitarra e/ou violino eram a norma, e uma oportunidade para os músicos se entregarem ao virtuosismo, sem se esquecerem de que estavam a tocar para pessoas que queriam dançar. “Adorava dar aulas de jazz manouche, porque com elas vinham as histórias e relatos do povo cigano, podem nos tirar muita coisa, mas a música é nossa! A dança é nossa! O gypsy jazz é cigano”, comenta Tatiane.

Jean Django Reinhardt nasceu no ano de 1910 em uma pequena cidade belga, em meio a um acampamento romani. Aos doze anos já demonstrava interesse e facilidade para aprender a música. Nesta época recebeu de um vizinho um banjo, e passou a fazer parte de uma comunidade musical.

Relatos contam que o músico também aprendeu um pouco de piano, violino e outros instrumentos, além

ALÉM DA RODA

do banjo. Quando adolescente frequentava os “inferninhos”⁶ de Paris apresentando-se com seu violino por nada mais que alguns trocados.

Apesar de Django ter ficado conhecido na velha Paris, os romani e seu “jazz manouche” ainda não eram bem-vindos em alguns locais mais refinados da capital francesa.



Foto/Acervo Spotify

6 Boates, bares e cabarés que se concentravam no bairro de Montmartre, em Paris, França.

Relatos ciganos-romani

O músico começou a fazer amigos, até iniciar sua trajetória com o acordeonista italiano Vêtese Guérino numa casa de dança, tocou também com Jean Vaissade e o suíço Fredo Gardoni. Até então seu universo musical era restrito à música europeia, com forte acento espanhol, e o violão (guitarra) já era seu instrumento principal.

Com influência de compositores como Claude Debussy, Maurice Ravel ou Igor Stravinsky, o músico, analfabeto e sem uma educação musical formal, beneficiava-se de uma percepção sensorial admirável. Sua primeira gravação foi lançada em junho de 1928, ao lado do acordeonista Jean Vaissade, e Django recebeu quinhentos francos pela produção.

Em outubro do mesmo ano, com o também acordeonista francês Victor Marceau, tocou banjo e assinou as gravações como “Jangot”. “Hoje, ele é conhecido como um dos artistas mais influentes do jazz, mas não podemos esquecer que ele é um manouche”, diz Tatiana.

O flamenco de José Mercé

*Para uma cidade no Norte
Eu fui trabalhar
Minha vida deixei*

ALÉM DA RODA

*Entre Ceuta e Gibraltar*⁷
Sou uma raia no mar
Um fantasma na cidade
Minha vida é proibida
*Diz a autoridade*⁸
Clandestino, José Mercé (2004)

Nascido no bairro Flamenco de Santiago, em Jerez de La Frontera, na Espanha, membro de uma saga de cantores ciganos, bisneto de Paco de la Luz, sobrinho de Manuel Soto Monje e primo de Vicente Soto Sordera, José Mercé considerado um dos principais cantores de flamenco ainda vivos.

Quando criança cantou no coro da Basílica de la Merced em Jerez, onde Antonio Gallardo lhe dá seu nome artístico. Durante seis meses trabalhou no “El Tablao”, em Cádiz, na rua Santa María de la Cabeza. Como andaluz, Mercé é um grande entusiasta do flamenco clássico, e de seu canto ser creditado aos ciganos, já que o flamenco é um ritmo de origem andaluza e cigana.

7 O Estreito de Gibraltar é uma abertura natural que separa os continentes europeu e africano. Localizado no sul da Espanha e ao norte de Marrocos, acredita-se que teria sido uma das principais rotas de fuga entre o povo cigano.

8 Tradução livre.

Relatos ciganos-romani

A regravação da canção “Clandestino”, originalmente do cantor francês Manu Chao (1998), tomou outra dimensão na voz de Mercé. Apesar de as duas versões serem em espanhol, o cantor traz não só a entonação do flamenco como seu ritmo, mas também suas marcas e suor, já que, de acordo com Ivo Dias, os ciganos da região da Andaluzia, quando não vistos como meras atrações turísticas, são vistos como “clandestinos”.



Reprodução/Antena 3/Televisão espanhola

A herança de Lola Flores

O Sul da Espanha é um território essencialmente cigano. Conhecida pela série espanhola “La Casa de Papel” a atriz que interpreta Nairóbi, Alba Flores, nunca escondeu seu sotaque e sangue andaluz.



Alba González Villa nasceu no dia 27 de outubro de 1986 e vem de uma família cigana. Filha do músico e compositor de enorme sucesso Antonio Flores e da produtora teatral Ana Villa, Alba é neta de uma das maiores cantoras da Andaluzia: Lola Flores.

Em uma entrevista à revista americana *Vanity Fair*, Alba revelou que so-

Relatos ciganos-romani

fria racismo no colégio por ser cigana, e contou um episódio em que estava no refeitório e uma colega perguntou se era verdade que ela era calé. Flores confirmou e então a menina gritou para todos: “Afastem os pratos, estamos comendo a comida com os ciganos!”

Hoje a atriz combate não apenas o racismo como o machismo, e é uma grande ativista dos direitos humanos. Sua avó, Lola Flores, foi uma das figuras mais queridas da Espanha no século XX, famosa cantora folclórica, bailarina e atriz, nascida em Jerez. A sua mãe tinha ascendência cigana por parte do pai. Em 1939, com 16 anos, Lola estreou no Teatro Villamarta, em Jerez na Espanha, com o espetáculo *Luces de España*. E ficou conhecida como “La Faraona”, que em tradução livre seria algo semelhante a “rainha”.

ALÉM DA RODA



Imagem/ TV España

Um de seus maiores êxitos foi como parceira artística de Manolo Caracol com quem trabalhou até 1951. Casou-se com o guitarrista Antonio González Batista (*El*

Relatos ciganos-romani

Pescaïlla), em 1958, com quem teve três filhos: Dolores Flores (conhecida como Lolita Flores), Antonio Flores e Rosario Flores, todos eles também cantores.

A cantora faleceu aos 72 anos de câncer de mama, diagnosticado em 1972. Foi sepultada no Cemitério de la Almudena, em Madrid. E sua herança se manteve não apenas com Antonio como com Alba, que sempre fala de suas raízes — artísticas e ciganas.

A comédia de Charles Chaplin

Jurada no recente Lisbon & Sintra Film Festival, Dolores Chaplin e Carmen Chaplin, netas do comediante Charles Chaplin, concederam uma entrevista, publicada pela Revista Variety meses antes de estrearem o documentário *Chaplin*, falando sobre o legado do avô e suas raízes ciganas.



Imagem/Divulgação/Chaplin

ALÉM DA RODA

Visto em telas preto e branca, Chaplin tinha cor e etnia. Documentos desclassificados revelam que o ator foi alvo de uma investigação dos serviços britânicos de informações, o MI5, na sequência de um pedido feito pelo FBI, que suspeitava que o célebre ator fosse ou tivesse “simpatias comunistas” — mas nada oficial foi encontrado.

Na verdade, foi ali que a descoberta de suas origens teve início, porque esses documentos, encontrados pela BBC, indicam que nunca foi encontrada a certidão de nascimento de Chaplin, e que só em 1920 recebeu um passaporte das autoridades britânicas. O comediante acreditou, durante muitos anos, que havia nascido em Londres no ano de 1889, tal como escreveu na Autobiografia, publicada em 1964.

“O fato de a representação mais conhecida da humanidade ter sido criada por um cigano, e ter feito com que todo o mundo se identificasse com esse personagem, é um conceito muito interessante que queremos explorar”, afirmou Carmen Chaplin, em declarações à revista *Variety*.

A resposta às dúvidas do FBI e do MI5 estavam em um documento encontrado em 2011 por familiares de Cha-

Relatos ciganos-romani

plin em que se depreende ter o ator nascido num acampamento de ciganos nos arredores de Birmingham.

Apesar de saber que o pai era meio cigano, segundo as netas, o cineasta só ficou ciente pouco antes da morte da mãe, em 1928, que ela também era romani. Hannah confessou ao filho que tinha origem cigana, com uma irmã que seguia as tradições da etnia.

“Ele estava muito ciente das suas origens ciganas, costumava dizer ao meu pai e aos seus outros filhos que eles tinham essa origem e que deveriam ter orgulho”, garantiu Carmen Chaplin.

Apesar da fala das netas, relatando o orgulho que o avô tinha pelas raízes, as informações mais contundentes só vieram a tona com o documentário, dirigido por James Spinney, Peter Middleton, e disponível na Amazon Prime.

O presidente cigano

Conhecido por seu plano de 50 anos em 5, o presidente mineiro, ou “presidente bossa-nova”, tinha muito além da bossa, porque suas raízes eram romani. Nascido em 12 de setembro de 1902, Juscelino Kubitschek marcou a histó-

ALÉM DA RODA

ria da política brasileira. O sobrenome complicado do presidente bossa-nova é de origem tcheca, proveniente de sua mãe Júlia Kubitscheck, de família cigana do Leste europeu. O bisavô materno de JK desembarcou no Brasil em 1830.

Embora não haja menções oficiais sobre sua etnia, alguns historiadores como Rodrigo Corrêa confirmam a versão da ascendência de Juscelino, com base em registros orais e escuta de amigos próximos e outros ciganos da região, que afirmavam que JK só falava sobre ciganos na presença de outros ciganos.

A suposta ciganidade de JK foi então sendo afirmada desde a década de 1980 principalmente pelos romani, mas por gadjós também. Intensificou-se a partir de uma maior participação dos líderes romani junto ao governo brasileiro, que teve início com a Conferência de Igualdade Racial em 2005 e coroada com a criação do Dia Nacional do Cigano, comemorado pela primeira vez em 24 de maio de 2007, ambos em Brasília.

Porém, ser “cigano” nem sempre foi uma atribuição positiva, e essa é uma das hipóteses do porquê de o mineiro nunca ter revelado essa origem, ou ao menos não ter feito questão de men-

Relatos ciganos-romani

cioná-la. O jornalista Luis Nassif, colunista e escritor da biografia de Walther Moreira Salles, escreveu no livro que “o que impressionava Salles em JK era a extrema simpatia. Não mais que isso. O embaixador via em JK uma pessoa ignorante em política econômica e financeira, cigano, sem lealdades⁹” .



Imagem/Revista Galisteu

Zarco Fernandes, cigano Calon e presidente do Centro de Cultura Cigana de Minas Gerais, e o escritor Assede Paiva

9 Nassif, L. Walther Moreira Salles. [s.l.] Companhia Editora Nacional, 2019.

escreveram interessantes ensaios eletrônicos, que defendem a ciganidade de JK¹⁰. Zarco oferece uma coletânea rica de depoimentos a favor da ciganidade, e também traz uma subjetividade quase mística do mineiro e medita sobre possíveis fatores determinantes de sua identidade cigana. Uma coisa relatada era sua ligação com a música e ânsia pelas artes.

A arte romani

Muitas vezes reproduzindo estereótipos, outras desconstruindo, uma forma de arte que representou o povo cigano em diferentes gêneros foi o cinema. O documentário *Latcho Drom* (1993), dirigido pelo cineasta francês de origem cigana e argelina Tony Gatlif, faz uma viagem musical sobre a jornada dos ciganos do Norte da Índia até a Espanha. Já o cineasta e músico Emir Kusturica ganhou o prêmio de melhor realização no festival de Veneza com a comédia “Gato Preto, Gato Branco” (1998), sobre ciganos dos balcãs.

E olhando para a contemporaneidade, os ciganos não param de ocupar espa-

10 Disponível online em: https://benficanet.com.br/recordar/abril2012/jk_o_presidente_que_modernizou_o_brasil_seu_lema_cinquenta_anos_em_cinco.php

Relatos ciganos-romani

ços e fazer história — com arte. A polonesa Małgorzata Mirga-Tas foi selecionada em dezembro de 2022 para apresentar seus murais feitos de tecido no pavilhão da Polônia, na 59ª Bienal de Veneza, na Itália, encerrada no fim de novembro. De acordo com o levantamento feito pela Revista Piauí, ela foi a primeira artista romani a chegar à bienal, que se iniciou em 1895, para expor sua arte.



Reprodução/The New York Times

Na fachada do pavilhão polonês estavam três painéis têxteis da artista romani, inspirados em uma carta de tarô: a Roda da Fortuna. Já na entrada, Mirga-Tas fazia referência à cartomancia, que

ALÉM DA RODA

costuma ser relacionada à cultura cigana.

Mirga-Tas participou também da 15^a Documenta e Mostra de arte realizada a cada cinco anos em Kassel, na Alemanha, desde 1955. Apesar de marcar presença nos dois principais eventos do calendário internacional de exposições, Mirga-Tas não virou celebridade na Polônia, nem subiu seu número de seguidores nas redes sociais.

Apesar da falta de “seguidores” online, poder se expressar livremente, sem paradigmas, construções sociais e estereótipos talvez seja a verdadeira conquista de Mirga-Tas — e de tantos outros romani.

A arte por si só abre portas, enquanto o artista gira a roda. Outros artistas como Elvis Presley, Rita Hayworth, também possuem sangue cigano, com histórias não mencionadas e relatos movediços, por não terem vindo dos próprios astros. Mas, enquanto a roda girar, haverá uma escuta. Ou escrita.

Enquanto o tempo passar, e as histórias forem contadas, haverá relatos para Além da Roda.

Relatos ciganos-romani



Reprodução/Brucke-Museum

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relatos ciganos-romani

“O meu povo não quer ir nem vir, o meu povo quer passar.” As palavras de Cecília, citadas no Segundo Capítulo e em tantos outros momentos durante a escuta das histórias, talvez resuma o livro aqui presente.

Esses escritos trazem um exercício de escuta profunda, de entender uma cultura que foi tão usurpada midiaticamente falando. Um ouvir que foge dos padrões impostos pelo senso comum. Escrever estes relatos me fez querer ouvi-los mais e por mais tempo.

Foi com Tatiane Manouche, Janaina Azevedo, Antonella Nardy e Carla da Hora que o livro trouxe a tão diversa cultura cigana. Sendo elas mulheres tão fortes, foi possível analisar que os calés e calons, vindos da Península Ibérica, não se importam tanto de serem chamados “ciganos”. Enquanto outros clãs, como Sint e Rom, sentem-se ofendidos com tal palavra. Essas mulheres abriram os olhos para fora da mídia, enquanto a Associação Internacional Maylê Sara Kalí retomava a importância de desmistificar paradigmas e estereótipos criados em cima da raça.

Paulo Kwiek mostrou como a etnia pode ser fechada, por traumas antigos

ALÉM DA RODA

que, assim como a cultura, são passados de geração a geração. Ivo Dias e o tão eloquente Pastor Pepito enfatizaram a diversidade religiosa dos romani, compreendendo que são um povo, e não uma religião.

Enquanto as vozes ainda ecoavam por cada página, lembro de uma história contada por uma cearense de 74 anos. “Quando morava em Apuiarês¹, lembro dos ciganos roubando o cavalo branco do meu pai”, e refletindo sobre a veracidade ou não deste relato, dedico esses escritos aos mais antigos rumores criados em cima da comunidade cigana.

Visei, com este livro, recriar a imagem da comunidade. Ou melhor, desfazer a imagem criada em sobre dela. Não apenas para a academia ler esses relatos ouvidos, mas para cada senhor, senhora, jovem ou criança, saiba que o povo cigano, depois de uma longa jornada, só quer passar. E vão continuar passando.

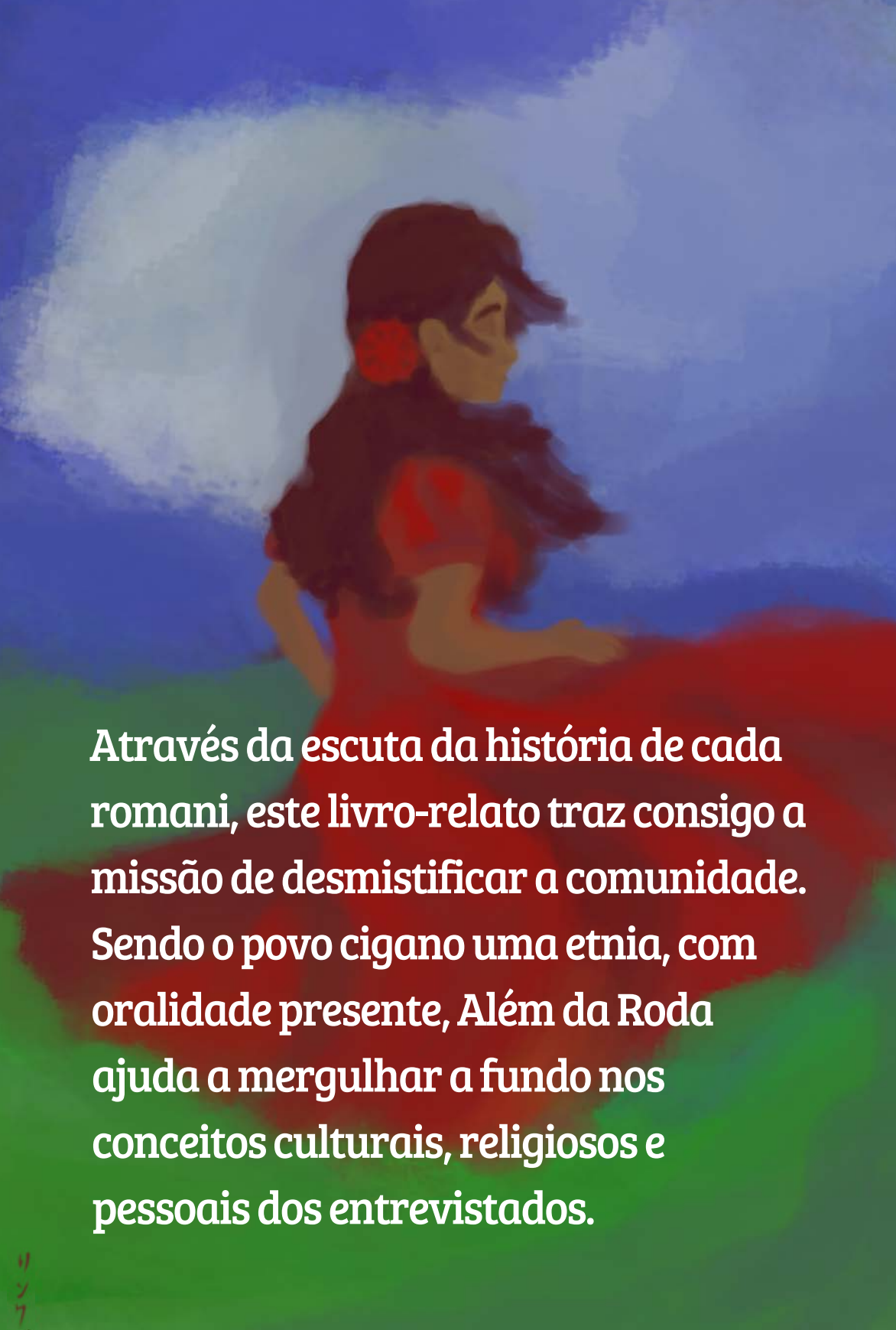
1 Cidade localizada no sertão do Ceará.

AGRADECIMENTOS

ALÉM DA RODA

Agradeço a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pela oportunidade de viver e conhecer uma academia que habitava no meu imaginário.

A minha avó, Luiza Marinho, que uma vez me contou uma história de um alazão roubado, que me fez querer saber quem eram os tais ciganos. Ao meu avô, Otacílio Marinho, que dizia que ainda me veria como jornalista — que essa notícia chegue aos céus. Aos meus pais, Sandra Regina e Luiz, que plantaram tantos sonhos para que hoje, eu os pudesse colher. Aos meus colegas bolsistas, Evelyn Fagundes, Julio Cesar e Gabriela Costa, que me ajudaram a não enfrentar sozinha tantos choques de realidade. As minhas grandes amigas Karina Modesto e Carolina Marçal que ouviram cada relato, cada lágrima e cada alegria, torcendo junto comigo. E, por fim, ao meu companheiro de revolução, Pedro Escañoela, agradeço por cada noite e madrugada malaguenha que passamos desenhando esses escritos; sem você, este livro não passaria de uma crônica solta em minha caderneta.



Através da escuta da história de cada romani, este livro-relato traz consigo a missão de desmistificar a comunidade. Sendo o povo cigano uma etnia, com oralidade presente, Além da Roda ajuda a mergulhar a fundo nos conceitos culturais, religiosos e pessoais dos entrevistados.